

ARQUIVO UFO (Alerta Brasil)

A obra aborda, principalmente, relatos de arquivos, de aparições de Objetos Aéreos Não Identificados e contatos com tripulantes de OVNI's, de 1954 à 1979, incluindo casos pesquisados por minha equipe junto à SIFETE - Pesquisa Científica.

Em alguns relatos, a obra apresenta resultados de análises e pesquisas que atestam a veracidade das aparições.

I

Há algo de errado em nosso passado longínquo que dista de nós, milhares e milhares de anos.

Há algo de errado em nossa Arqueologia! Por que estamos encontrando acumuladores elétricos que datam de muitos, milhares de anos?

Por que achamos números com quinze casas e nenhum computador os colocou ali?

Mas por que aqueles homens primitivos tiveram a capacidade de criar tantas coisas inacreditáveis?

A ânsia pela paz, a procura da imortalidade, a saudade das estrelas; tudo isso fervilha na consciência humana e procura desde tempos imemoráveis, irresistivelmente, tornar-se realidade.

É natural essa aspiração profunda implantada no ser humano?

São realmente só desejos humanos ou esconde-se atrás daqueles anseios de realização, daquela saudade das estrelas algo bem diferente?

Não parece certo que a formação da inteligência humana tenha sido o resultado de um interminável desenvolvimento, pois esse processo, se realizou muito repentinamente. Provavelmente nossos antepassados receberam sua inteligência de seres superiores, os quais deviam dispor de conhecimentos que possibilitaram esse processo em um curto prazo.

Desde os tempos pré-históricos, o homem já era fascinado pela idéia de se elevar do solo terrestre para o ar.

Que diríamos a respeito do mapa de Piri Reis? Teria o seu cartógrafo executado o mapa durante um vôo? Apenas comparamos a foto da Terra tirada pela Apollo 8.

O homem continuou buscando, aprendendo, se desenvolvendo. Criando e executando coisas que, se hoje não são impossíveis, nos garantem, pelo menos, uma dificuldade extrema.

A planície de Nazca, por exemplo, seria um campo de pouso para objetos voadores? Ou seria simples símbolo de significado religioso?

No interior do templo Maia em Palenque, o que se chamou de "o Astronauta Maia". Seria realmente um astronauta?

Na Porta do Sol, em Tiahuanaco, dez toneladas em um só bloco. A lenda menciona uma espaçonave dourada que veio das estrelas.

Na Bolívia, estradas de alvenaria para um povo que não usava rodas.

E os achados vão se amontoando e deparamos com monumentos à nossa frente. O homem, na idade da pedra, conhecendo o espaço. Elevando templos e monumentos, abrindo túneis de rochas com equipamentos primitivos.

Assim, só podemos perguntar: quando e de que maneira tornaram-se inteligentes nossos antepassados?

Ceticismo, medo e espanto cercam o assunto. Para uns, uma nova religião. Para outros, fantasia. E a verdade?

A prova irrefutável de contato com seres do espaço sideral torna agora impossível não acreditar em discos voadores.

Os discos voadores têm sido vistos por milhões de pessoas em todo o mundo e nos últimos anos houve milhares de casos de aterrissagens comprovadas. Muitos deles aparecem sobre bases militares e de mísseis e há notícias do aparecimento de misteriosos homens de preto que parecem ter constrangido famosos pesquisadores de discos voadores, bem como milhares de pessoas que nada sabiam sobre esses objetos mas que apenas viram alguma coisa que não lhes dizia respeito.

Em 1947, um avião americano, observou um estranho fenômeno no céu. Um enorme objeto em forma de disco, girava como um pão e refletia a luz do sol. Da história relatada surgiu, pela primeira vez, o termo disco voador.

Surgiram mais relatos do gênero. Livros que contavam histórias de contatos com seres extraterrestres. Viagens em naves estranhas, pessoas que afirmam ter visto objetos e juram ter encontrado espaçonaves.

Por trás de uma nova barreira de sigilo, a Força Aérea dos Estados Unidos está empenhada num jogo perigoso que inclui ataque aos UFOs.

Apesar das negativas da Força Aérea, os OVNI's continuam agindo em nossos céus.

Durante o ano de 1972, os encontros aumentaram de repente. O CDA - Comando de Defesa Aeroespacial fez rapidamente vôos de interceptação. Através de ordem rigorosas, os pilotos foram proibidos de divulgarem aquelas perseguições e o seu verdadeiro objetivo.

Em Washington, uma frota de OVNI's sobrevoa a cidade. Na Bahia, Brasil, eles saem das águas.

Em 1962, Carpinter fotografou, da Mercury VII, um objeto voador não identificado. A foto foi posteriormente liberada pela NASA.

Em 1965, Gordon Cooper faz comentários sobre seu misterioso encontro e é censurado pela NASA.

A Gemini V fotografou OVNI's sobrevoando o Himalaia.

A avalanche de aparições começa a tomar conta de nosso diminuto planeta e algumas imagens já não têm o por quê de serem confidenciais.

A França reconhece oficialmente os Discos Voadores. Na Bélgica, eles aparecem fazendo evoluções. No Texas, em agosto de 1951, Call Hurt tirou fotos de OVNI's circulares.

Na Venezuela, um OVNI foi avistado sobre a represa de Guaricho.

Na Gávea, Rio de Janeiro, o fotógrafo Ed Keffel fez uma seqüência de cinco fotos com nitidez espantosa.

Enfim, as máquinas sobrevoando o nosso céu. Talvez, estejamos próximos de uma grande reviravolta da qual poderemos ser protagonistas. As máquinas voadoras estão em nosso meio. E lá em cima, um objeto voador paira silenciosamente.

Tal como as observações de OVNI's, as narrações de encontros entre os humanos e os extraterrestres são inumeráveis, constituindo um dos maiores temas da literatura ufológica.

Humanóides, homenzinhos verdes ou marcianos, aparecem aqui e ali, segundo vários testemunhos. Colhem amostras do nosso planeta, deixam mensagens, ameaçam uns, curam outros ou simplesmente conversam durante instantes com os terrestres antes de partirem para o espaço infinito em seus discos voadores.

Que crédito dar a essas descrições? Serão, como afirmam os homens de ciência, simples alucinações? Ou, ao contrário, como pensam vários ufólogos, fenômenos reais?

Mesmo não existindo nenhuma prova material desses encontros, o certo é que algumas narrações são bastante perturbadoras.

Entre o conjunto dos numerosos testemunhos provenientes do mundo inteiro sobre casos de aterrissagens de OVNI's, um certo número dentre eles, relata a presença de ocupantes.

Em um mínimo de 35% dos casos, as aterrissagens de OVNI's com presença de ocupantes, se manifestam em locais isolados sendo que em 30% dos casos, deixam vestígios.

Os seres observados podem se classificar em diferentes tipos muito variados.

Alguns possuem uma morfologia semelhante à nossa, medindo de 0,90 a 1,35 m com uma grande cabeça. A testa alta poderia revelar um desenvolvimento intelectual avançado. Os olhos são comumente grandes e encarquilhados o que permite uma visão global, e indica uma sensibilidade anormal à luz. Várias vezes a atenção das testemunhas foi alertada para o seu estranho olhar.

A cor dos olhos varia do negro ou azul marinho até o amarelo ou vermelho vivo.

De uma para outra observação, as orelhas se revelam praticamente inexistentes.

O nariz pode também ser semelhante a um nariz humano ou então serem descritos como simples fendas.

A boca se assemelha ou a uma fenda com lábios ou a um orifício estriado.

Os maxilares são normalmente pouco evidentes e tendem para um queixo pontiagudo.

Quanto aos braços, são geralmente longos e magros com mãos semelhantes às nossas com ombros largos e um pescoço espesso ou inexistente.

Quanto ao traje, geralmente essa categoria de ocupante de UFO, é vista com um tipo de vestimenta metalizada, sem costura, por vezes com um escafandro.

Outro tipo catalogado mede de 1,20 a 1,80m. Seu aspecto físico é bem semelhante ao terrestre. Descreve-se normalmente o seu rosto como se fosse inteiramente de forma humana.

Alguns relatórios davam conta que a pigmentação da pele era azulada ou esverdeada.

Seu traje é composto de uma única peça e as horas mais freqüentes de observação são durante o dia.

Uma terceira categoria praticamente não apareceu mais, depois da grande vaga de 1950.

Esse tipo de ocupante possui uma grande cabeça em forma de abóbora. Tem um aspecto geralmente nu e peludo. Os

olhos são de cor laranja ou amarelo, com formidáveis garras terminando os seus longos braços desproporcionais.

Em geral, esses seres são bípedes e em certos casos, também quadrúpedes. Medem entre 0,60 e 2,10m. Seu comportamento revela que foram treinados para fazerem levantamentos de amostras biológicas ou geológicas.

Tudo o quanto não figura nos grupos precedentes, se encontra nesta quarta categoria, que comporta toda a espécie de extravagância.

Em geral, não há nenhum humanóide, mas, sobretudo, formas amebóides e brilhantes.

Esse tipo em particular, é bastante raro em comparação às outras categorias.

Investigações registraram mais de cem aparições de ocupantes de OVNI's apenas no ano de 1954 e daí para cá, as narrativas foram se tornando cada vez mais freqüentes.

Algumas narrativas vão ainda mais longe. Alguns, tipicamente humanos, centenas deles, talvez milhares, já estariam vivendo entre nós há muito tempo.

A questão da proveniência desses visitantes e consequentemente dos OVNI's, fica em aberto.

Há realmente uma visita de seres extraterrestres ou apenas uma psicose mundial?

Em 21 de dezembro de 1954, o jornal Correio Popular de Campinas, noticiava um acontecimento que ficou conhecido como a "Chuva de Prata".

Populares diziam ter visto estranhos objetos no céu.

Dois dias antes, uma senhora, que não quis ser identificada, encontrava-se no quintal de sua casa, quando notou que do alto, caía algo como se fosse uma "Chuva de Prata".

As bâtegas, em pequeno número, ao tocarem o solo, desprendiam fumaça e só então, a referida senhora pode observar que se tratava de um líquido incandescente. Emocionada pelo episódio, ela então se pôs a olhar para o alto, pois só poderia estar caindo do céu aquela "Chuva de Prata".

—Vi quando bem alto, passaram três objetos estranhos, disse ela. Eram redondos e de cor cinza meio fosco. Possuíam dois corpos que viravam sem parar. Eram parecidos com os discos voadores que a gente vê nos livros. Fiquei apavorada, continuou a senhora. Quase não me mexia de medo. Quando resolvi olhar o líquido que havia caído, ele já havia endurecido e pareciam pedaços de prata. Tentei pegar um deles mas estava muito quente. Daí fui chamar o meu vizinho. (Benedito Nascimento - Rua Major Solon, 28 - Campinas - SP). Ele pegou os pedaços, que já haviam esfriado e levou embora, concluiu a senhora.

O senhor Benedito ficou intrigado e resolveu fazer um exame do local. Segundo ele, para estarem naquele lugar, os fragmentos só poderiam ter caído do céu.

O senhor Benedito Nascimento não acreditava em discos voadores como ele mesmo colocou. Na época, colaborava com a imprensa escrevendo artigos para publicação. Em um desses artigos, deixou claro a sua descrença quanto a essas naves espaciais. No entanto, o destino cuidou para que sua crença fosse revista.

—Um dia, eu mesmo vi um desses aparelhos, disse Benedito. Ele passou rápido próximo à minha casa e por sobre o Colégio Ateneu Paulista. Parecia ser muito grande. Era redondo com duas partes e sua cor era como metal sem brilho. A parte de baixo rodava bem rápido como aquelas coroinhas de festa junina. A partir daí, completei, mudei minha opinião quanto à existência de discos voadores.

Uma equipe de reportagem do jornal "Correio Popular" de Campinas pediu ao senhor Benedito, pedaços do estranho metal. O objetivo era encontrar um laboratório químico que pudesse classificar o estranho metal.

Recorreram assim aos laboratórios das Indústrias Young (Rua Francisco Teodoro - Vila Industrial - Campinas - SP).

À primeira impressão, tratava-se de estanho misturado a outras substâncias. De qualquer forma, o material seria submetido à pesquisas mais profundas antes de qualquer conclusão.

Deixando o químico entregue aos seus estudos, a equipe procurou obter informes mais elucidativos que viessem a oferecer uma explicação para o fenômeno. A senhora que contemplou a "Chuva de Prata" e disse ter visto os discos voadores, garantiu não ter havido equívoco em relação ao que viu, afirmando não se tratar de nenhum avião. A equipe não pode também encontrar explicação para a mencionada "Chuva", que não contava antecedentes na história. Diante disso, guardaram cuidadosamente os fragmentos que conseguiram colher, deixando-os na redação do jornal, ao inteiro dispor das autoridades do Departamento de Defesa Nacional da Aeronáutica, interessadas que estavam na elucidação do mistério do "Disco Voador".

Em 23 de dezembro de 1954, o jornal Correio Popular de Campinas publicava os resultados do exame do material. Tratava-se de um estanho de pureza ainda não conhecida na Terra. Na sua composição não foram encontrados indícios de corpos que existem no estanho comum. Além de elevada oxidação, nenhuma outra impureza foi constatada.

Disse o Dr. Maffei, engenheiro químico responsável pela análise, que se tratava de um estanho, com teor de 88,91%, portanto, de um estanho dos mais puros e superior ao estanho conhecido até então. Ainda mais: o estanho comum, contém certa porcentagem de ferro, chumbo, antimônio e outros corpos conhecidos. O material que teria caído do céu, não apresentava a menor impureza, nada contendo além de elevada oxidação. Estranhou, o Dr. Maffei, essa extraordinária pureza do material analisado, pois, o nosso mais puro estanho, não era idêntico àquele. No seu certificado de análise, dizia o Dr. Maffei, textualmente: "Nota importante - O material em análise apresentou características de oxidação devada, com teor de estanho combinado ao oxigênio sob forma de óxido de carbono. Não foi determinada nenhuma outra impureza no material em questão."

Assim, ao que parecia, o material era ainda desconhecido. O estanho comum, o mais puro, apresentava um índice de 79% de mistura de enxofre, arsênico, antimônio, chumbo, ferro e outros corpos. O material em questão, continha 86,91%, de estanho e o restante de oxigênio. Não foi nele assinalada a presença de outros corpos. Esclareceu o Dr. Maffei, que o referido material, por certo não poderia ser tomado como solda que houvesse caído de algum avião em trânsito, pois se fosse solda, de-

veria conter além de estanho, certa porcentagem de antimônio e de chumbo. Tais esclarecimentos, vieram assim, aumentar extraordinariamente a curiosidade da opinião pública em torno do estranho caso. Tudo indicava ser uma composição nova, ainda não conhecida. Interpelado também sobre a possibilidade de se tratar de um meteoro, esclareceu o Dr. Maffei que entre as placas apresentadas e meteoro existia enorme diferenciação. Mostrou-se o químico da Young muito interessado no caso, seriamente intrigado com o mistério que encerrava esse material, produto de uma "Chuva de Prata" mais misteriosa ainda e que teria caído justamente durante a passagem de "Discos Voadores", esse grande enigma do espaço.

O material caído de um Disco Voador, na cidade de Campinas, em 1954, foi reanalisado pela **SIFETE - Pesquisa Científica** em 03 de agosto de 1976.

Um pedaço do referido material, fragmentado em três partes, chegou às nossas mãos através de um já extinto grupo de pesquisas de Campinas, o CIAPE (Centro de Investigações Astronômicas e Pesquisas Espaciais).

As análises foram efetuadas no laboratório do Colégio Técnico Industrial Conselheiro Antônio Prado, por Luiz Regis,

tendo como responsável, Rogério Pereira da Silva, na ocasião Coordenador do Departamento de Mineralogia da **SIFETE**.

Amostra 01 - Laboratório analítico.

Procedência: Campinas

Data: 20/06/76

Amostra de: Metal

Característica: Branca, metálica, facilmente riscável.

Análise: Método clássico.

Resultado - A amostra contém:

Estanho (Sn) - 94%

Ferro (Fe) - 2%

Impurezas - 4%

Obs.: Impurezas diversas.

O estanho não é um metal poroso diante do ar. No entanto é atacado por ar seco. Na natureza é encontrado praticamente sob a forma de cassiterita (SnO_2).

O estanho, como o zinco, é utilizado na proteção do ferro ou aço comum. Como exemplo de ferro estanhado temos as folhas de Flandres, as quais são empregadas na confecção de recipientes metálicos.

O estanho pode ser obtido até 99,9% de pureza, portanto essa porcentagem de pureza é normal. (O que contradiz o índice apresentado pelo Dr. Maffei que informou ser de 79% - obs. do autor).

Amostra 02 - Mineral

Características: Cor marrom brilhante, sólida.

Resultados - A amostra contém:

Ferro (Fe) - 42%

Magnésio (Mg) - 1,3%

Alumínio (Al) - 0,75%

Cobre (Cu) - 4,12%

Não identificados - 52,83%

Observações:

O ferro se encontra livre.

O magnésio sob a forma de óxido.

O alumínio sob a forma de bauxita ($\text{Al}_2\text{O}_3 \cdot 2\text{H}_2\text{O}$)

O cobre se encontra livre.

Os não identificados, pelo menos 20%, são compostos orgânicos.

Nota: O ferro só é encontrado livre nos meteoritos.

Amostra 03 - Mineral

Características: Cor marrom opaca, sólida.

Resultados - A amostra contém:

Ferro (Fe) - 33%

Alumínio (Al) - 14%

Carbono (C) - 11,43%

Não identificados - 41,57%

Observações:

O ferro sob a forma de siderita (FeCO_3).

O Carbono livre sob a forma de grate.

II

Nos dias 14, 15 e 16 de setembro de 1970, às 20h30m, o Dr. Nelson Yassushi, fez uma seqüência de fotos, durante suas férias em Salvador, Bahia, no local denominado Jardim de Allah. A sua única preocupação era com a linda noite de luar. Nas duas primeiras fotos armou a sua Caronet QL 17 sobre o tripé com diafragma na abertura máxima e tempo de exposição de um segundo.

Acreditando não ter havido tempo de exposição necessário, no que estava certo, destravou a máquina, para obter tempo de exposição maior. Quando revelou as fotos, a primeira atitude do Dr. Yassushi, foi de aborrecimento. "Manchas" haviam estragado suas fotos.

Segundo o Dr. Yassushi, a sua intenção era unicamente testar a capacidade da máquina e do filme na obtenção de fotos noturnas, coloridas e, ainda, tentar fotos de valor artístico, dada a maravilha da paisagem noturna, com luar, ser propícia no momento.

Estava com ele, na ocasião, Dina, sua esposa, e, fixando o tripé, bateu inicialmente duas chapas, com abertura do diafragma 1,7 (abertura máxima) e tempo de exposição 1 segundo. Acreditando intuitivamente não ter havido tempo de exposição suficiente para a fixação da paisagem (e realmente na revelação só aparece a lua e ligeiro reflexo seu no mar), destravou a máquina para conseguir tempo de exposição indeterminado "B" e bateu duas chapas, uma, com tempo de 2 minutos e outra com o

tempo de 2,5 minutos aproximadamente, quando apareceram na revelação os estranhos fenômenos.

Não se trata de nenhum truque fotográfico, disse o Dr. Yassushi, ao contrário, as manchas nos negativos só nos causaram aborrecimento, eis que entendo que enfeiam as fotos obtidas. Finalmente, continuou, só vimos o estranho objeto depois de reveladas as fotos.

Naquela noite das fotos, restavam ainda quatro chapas a serem batidas do filme que se encontrava na máquina do Dr. Nelson.

Bateu as duas primeiras normalmente, com rápidas exposições de 1 segundo; depois mais duas, com tempo de exposição demorado.

O laboratório que fez a revelação considerou as duas primeiras imprestáveis, não fazendo ampliações. Assim, o Dr. Nelson não viu o resultado das duas primeiras fotos. Como pesquisador, o repórter da revista "O Cruzeiro", cuidou de fazer isso tirando cópias em vários tamanhos.

Observou que, após ter sido feita a foto número 3, o Dr. Nelson teve que rodar o filme para fazer a última. Naquele momento, provocou um pequeno deslocamento da máquina, que estava sobre o tripé; tanto assim que as luzes artificiais conhecidas que aparecem à esquerda da foto 3 estavam levemente deslocadas na última foto.

Numa espécie de jogo dos sete erros, comparando-se as duas imagens, também foi fácil observar que o "OANI" estava na foto número 3, mais alto sobre o mar do que na seguinte. Quanto a real forma do objeto, era preciso considerar que, di-

rante o tempo de exposição demorado, deveria ter ocorrido movimentos no próprio objeto, impedindo a fixação de sua forma exata.

Acreditava o repórter, que o objeto, naqueles minutos, deveria ter apresentado movimentos de rotação além de oscilações em torno do seu eixo. Tal objeto estaria ainda projetando uma luz sobre o mar, o que permitiria grandes especulações em face do que já se conhece sobre a atividade dos "OANIs" no fundo dos mares.

De posse dos negativos, o repórter da Revista "O Cruzeiro", chegando ao Rio, procurou colher opiniões técnicas.

Fato curioso foi que todos os que viam as fotos perguntavam logo se era um cogumelo de uma explosão nuclear. O repórter esclarecia logo que as fotos haviam sido feitas em Salvador - BA.

O primeiro técnico que cuidou de fazer as ampliações especiais afirmou ao repórter não se tratar de nenhum defeito do filme. Dois outros profissionais examinaram os negativos, afirmando que poderia ser reflexo da Lua, já que a coloração da "coisa" apresentava uma tonalidade bem diferente.

Nesses contatos, o repórter tomava atitude de silêncio, observando as reações. Só depois, explicou o acontecido, quando os técnicos confirmaram que as fotos conferiam com os dados fornecidos. Mas, a preocupação do repórter era a de encontrar alguém que não o conhecesse e que não pudesse relacionar a sua pessoa com os Discos Voadores. Recordaram-no então o Sr. Paulo Pereira da Costa, Diretor e Fototécnico dos Laboratórios Colorart e Artecólor. Tratava-se de um pioneiro no Brasil em

técnica de fotografias coloridas. Foi dos primeiros a fazer, no Brasil, serviços de microfotografias coloridas de anatomia patológica e histologia de peças operatórias.

O laboratório que dirigia na época tinha a capacidade de reprodução para tirar 30 mil cópias coloridas diárias, além de estar revelando 800 filmes por dia. Quando o repórter lá chegou e iniciaram o diálogo, o repórter era para ele um desconhecido. Apresentou-lhes as fotos e os negativos pedindo sua opinião técnica. Mais tarde, saiu de lá satisfeito com o que havia aprendido. Dias depois, voltou, informando-lhe que iria preparar uma reportagem sobre o assunto e que desejava obter dele um pequeno relatório, por escrito, daquele primeiro encontro, contendo os dados técnicos por ele mencionados.

Então, de posse de seu relatório, o repórter sabia qual tinha sido a sua reação íntima das fotos artísticas.

O relatório dizia o seguinte: "Pelo fato de tal imagem ser muito curiosa, perguntamos se a razão pela qual nos tinha procurado seria para reclamar possível falha do nosso laboratório, cuja especialidade é de serviço de foto, acabamento em cores para profissionais, pois pensamos tratar-se de um trabalho de composição fotográfica.

O Sr. Cleto, repórter de "O Cruzeiro", respondeu-me que o assunto era outro. Na realidade desejava a nossa opinião sincera e fria com referência ao objeto que aparecia na foto. Esclareceu-nos não ser o autor das fotografias, exibindo-nos uma tira de filme CN 17 35mm, a qual observamos tratar-se de negativos comuns de amador. Posteriormente ele esclareceu como teriam sido obtidas.

Para nosso espanto, disse-nos que a pessoa que havia tomado as fotografias não viu tal objeto que aparecia em ambas as fotos.

Diante disso, passamos a analisar friamente o material e constatamos que na realidade, o objeto apresentava formas um pouco diferentes daquelas que pensamos, quando vimos as fotos despreocupadamente. Sem usar a imaginação, passamos a descrever o objeto:

- a) Objeto de forma circular, tendo na parte superior de sua periferia uma tonalidade de cor avermelhada bem delineada;
- b) Da parte inferior do círculo, observa-se uma estrutura menos definida em forma de funil, pouco acima da superfície do mar, na linha do horizonte;
- c) Tendo examinado posteriormente os negativos, verifiquei que eram autênticos; não havia qualquer possibilidade de fraude.

A principal pergunta do Sr Cleto foi feita no sentido de saber se seria possível aparecer em uma foto comum um objeto que na realidade não tinha sido visto por quem o fotografou.

Na ocasião, nos limites de nossos conhecimentos profissionais e sem nenhum compromisso, apresentamos o nosso ponto de vista com fundamento que agora, por escrito, poderão ser mais bem concatenados."

Assim, o Sr. Paulo Pereira Costa prosseguiu numa descrição técnica, pormenorizada, onde conceituava luz e cor.

Somente uma pequena parte do espectro eletromagnético afeta o olho humano. As longitudes de ondas correspondentes à luz visível não representam mais de uma oitava parte, 400 a 700 nanômetros, e mesmo assim o olho humano é capaz de perceber a série de matizes que denominamos cores e cada uma delas corresponde a uma longitude de onda particular.

A região do espectro que interessa à fotografia colorida está compreendida na região cujo comprimento de onda varia entre o azul 400 e o vermelho 700 nanômetros. A região mais sensível do nosso olho está entre o verde e o alaranjado, cor a que chamamos de amarelo, que, na realidade, é uma vibração do vermelho/verde.

A região de maior energia do espectro visível encontra-se no início violeta/azul 400 nanômetros; para que o brometo de prata de uma emulsão fotográfica possa ser impressionada pelo resto do espectro visível, é necessário que a ela sejam incorporados corantes especiais que estendam a sensibilidade até 700 nanômetros, correspondente ao vermelho.

Antes da região do azul, encontram-se outros comprimentos de ondas curtas e, conseqüentemente, de maior energia, que embora não possam ser percebidas pelo olho humano podem ser perfeitamente gravadas pela emulsão fotográfica.

(Compilado da Revista "O Cruzeiro" de 14/11/1973).

Numa madrugada de setembro de 1957, pescadores de Ubatuba - SP, observaram com espanto um objeto luminoso em

forma de disco, descer ao nível do mar, explodir com um grande estrondo e se consumir em chamas provocando um enorme clarão.

No local da explosão os pescadores recolheram pequenos pedaços metálicos, que através de um jornalista, foram encaminhados ao Rio de Janeiro, ao pesquisador Olavo Fontes, que desde 1954 estudava o assunto.

As naturais dúvidas sobre a origem dos fragmentos foram sendo derrubadas pelos perigosos testes a que foram submetidos como análise de metalografia e muitos outros, realizados pelos melhores laboratórios do país, inclusive no Ministério da Agricultura.

Os resultados dessas análises, que só apareceram em 1962, cinco anos depois do aparecimento dos fragmentos, indicavam serem eles compostos de magnésio puro, pureza essa, inexistente em qualquer parte do nosso planeta.

"Essa constatação - disse Flávio Pereira, pesquisador dos fenômenos UFOs - foi de uma importância fundamental para a comprovação da existência dos Discos Voadores. O magnésio é o material mais indicado nas construções de naves espaciais, tanto assim que os Estados Unidos e a Rússia usam-no em seus foguetes e satélites, obtendo ótimos resultados".

Esse magnésio, usado na construção de foguetes terrestres, era, entretanto, de uma pureza infinitamente menor que o dos fragmentos de Ubatuba.

Alguns pedaços metálicos dos que foram encontrados em Ubatuba foram enviados aos Estados Unidos para análises ainda mais rigorosas que as efetuadas no Brasil, mas os resultados in-

dicaram o mesmo grau de pureza e provocaram o mesmo alvoroço nos meios científicos que o verificado no Brasil.

Os fragmentos de Ubatuba foram guardados nos cofres da Comissão, no Rio de Janeiro, com os resultados das análises que provavam ser o material oriundo de algum ponto do espaço que não a Terra.

"Toda a problemática do Disco Voador envolve sempre três perguntas básicas - disse o Professor Flávio Pereira - o que são, de onde vêm e o que querem?"

"A primeira questão está ligada à tecnologia e é por isso, a que mais interessa aos cientistas. Se a ciência tivesse meios de conhecer a tecnologia, milhares de anos na frente da nossa, que cerca os Discos Voadores, nós teríamos na Terra uma revolução igual à causada com o aparecimento da roda."

A Segunda pergunta - de onde vêm? - era, para Flávio Pereira, de interesse das Forças Armadas, já que a questão envolvia sempre um problema de segurança nacional. Já levantou-se, inclusive, a hipótese de os Discos Voadores serem armas secretas de grandes potências como os Estados Unidos e a Rússia, hipótese esta que nunca reuniu muitos adeptos, dado o mistério de proporções muito além das possibilidades de simples superpotências, e que sempre cercou o aparecimento de Discos.

A terceira questão - o que querem? - parecia ser ainda uma incógnita completa. Até então nunca tinha sido provado que as intenções dos possíveis extraterrestres fossem hostis. Mas o contrário, também não.

A importância dessas três questões, sobre as quais se concentram milhares de estudiosos de todo o mundo, foi sinteti-

zada pelo ex-secretário das Nações Unidas, U. Than, quando há anos atrás afirmou: "O problema dos Discos Voadores tem para as Nações Unidas a mesma importância que a guerra fria e o subdesenvolvimento econômico dos países do terceiro mundo."

O aparecimento de fragmentos metálicos em Santa Catarina em 1957, segundo os pescadores de São Miguel, após a explosão de um objeto voador não identificado que caiu no mar, foi para o Prof. Flávio Pereira, de grande importância, mas ele ressaltou que seria necessário uma rigorosa verificação para apurar se os pedaços metálicos não seriam parte dos chamados "lixo cósmico", composto de restos de foguetes e satélites lançados pelos Estados Unidos e Rússia, na corrida espacial e que ficaram perdidos no espaço.

Mas ao mesmo tempo, o Professor salientou que, na maioria das vezes, esses fragmentos de satélites ou foguetes queimariam-se ao reentrar na atmosfera terrestre não chegando a atingir a terra.

As pesquisas sobre os fragmentos de Santa Catarina deveriam demorar ainda algum tempo e estavam sendo acompanhadas pela Marinha do Brasil, que também estava empenhada em descobrir de onde teriam vindo os misteriosos pedaços de metal recolhidos pelos espantados pescadores de São Miguel.

A Organização de Pesquisa de Fenômenos Aéreos, grupo particular de estudos, que se achava em desacordo com a Força Aérea dos Estados Unidos, de 1947 até 1973 em mais de 1.000 relatórios sobre as aparições de Discos Voadores, declarou nos

Estados Unidos que fragmentos de objetos metálicos, recolhidos depois de uma explosão no Brasil são de magnésio puro, uma forma metálica desconhecida na Terra. A Organização fez tal declaração em apoio às suas informações sobre a explosão extra-terrestre e (por veículos espaciais) da atmosfera da Terra. O diretor do grupo, Coral Lorenzen, fez a seguinte referência da explosão e colheita dos fragmentos.

Um objeto não comum explodiu sobre as costas do Brasil à vista de vinte pescadores, em setembro de 1957. As testemunhas oculares estiveram de acordo em que o objeto pequeno, brilhante, de forma de disco, que viajava a grande velocidade em direção ao oceano, se elevou bruscamente afastando-se da água e explodiu. Cada fragmento resplandeceu com grande brilho sob o sol do meio dia, como se tratasse de fogos de artifício. Um observador recolheu fragmentos apagados pelas águas e depois de algum tempo entregou-os ao Dr. Olavo Fontes, cientista, médico da Escola Nacional de Medicina e membro do grupo investigador. O Dr. Olavo Fontes enviou alguns fragmentos para análise no Laboratório Nacional de Produção Mineral. Espectro-análises feitas pela Dra. Luisa Barbosa, química-chefe, revelaram que o material era magnésio absoluto, sem impurezas. Surpreso, o Dr. Olavo Fontes ordenou a comprovação das análises. Não se conhece nenhum método para reduzir ao estado de pureza absoluta e não se sabe que o metal exista em forma pura na Terra, embora haja fartura dele. A Segunda prova, realizada a 24 de outubro de 1957, confirmou a resposta da primeira e então foram usados novamente métodos de difração de Raio-X na Di-

visão de Geologia e Mineralogia do Departamento Nacional de Produção Mineral.

Segundo o grupo investigador, a análise foi efetuada pelo Dr. Elisiário Távora Filho, famoso cristalógrafo brasileiro e novamente verificou-se que os fragmentos eram magnésio puro. A Organização de Pesquisa de Fenômenos Aéreos disse:

"O mais puro magnésio já produzido na Terra ainda contém impurezas que podem ser identificadas facilmente nas análises espectrográficas. As amostras de Ubatuba não mostraram nenhuma impureza".

III

09 de julho de 1974, o então Deputado do Ceará, José Simões dos Santos, do extinto partido ARENA, declarou, após uma viagem pelo interior do estado, que na Serra dos Macacos desciam freqüentemente, às noites, aparelhos estranhos, intensamente luminosos. E a 8 de agosto, um Deputado Federal, também ARENA cearense, em discurso na Câmara, fez apelo ao Governo Federal para que mandasse observar, em profundidade, a aparição de objetos estranhos nos céu do seu estado. Na cidade de Pereiro, divisa com o Rio Grande do Norte, esses objetos surgiram lançando jatos de luz sobre as casas. Tinham a aparência de bolas incandescentes e as luzes que lançavam pareciam potentes faróis. Havia quem ligasse esses fatos com os pequenos tremores de terra sentidos na região, logo após.

No dia 9 de setembro de 1974, um lavrador mato-grossense procurou as autoridades policiais de Campo Grande para comunicar que, perto da ponte sobre o rio Imirucu, avistou, em companhia de seus filhos, um aparelho branco brilhante, em forma de bola, pousado sobre o campo limpo de uma invernada. Depois de algum tempo, ele se elevou no espaço, deixando uma esteira de luz brilhante. Ao mesmo tempo, muitas outras pessoas informavam aos jornais locais a presença, nos arredores da cidade, de um objeto desconhecido que fazia evoluções, diminuindo e aumentando de velocidade.

Coincidentemente, na madrugada do dia 9, o Professor Wilson Ribeiro, do Colégio Sílvio Leite, em Niterói, disse ter testemunhado a descida, a cerca de duzentos metros da praia de Itaipú, de um aparelho que emitia jatos de luz alaranjados. A princípio pensou que fosse um grande balão, mas notou que ele girava sobre si mesmo e produzia um leve zunido. Além disso, ficou pairando a uns dez metros acima do mar. A mesma coisa foi vista pelos estudantes Regina Lúcia de Oliveira e José Carlos, que assistiram também a súbita e vertiginosa subida do objeto.

No Brasil, o incidente da Base de Gravataí, no Rio Grande do Sul, em 1954, foi assim descrito, em comunicado ao Coronel Hardmann, Comandante da Base: "No dia 24 de outubro do corrente, entre o período de 13 e 16 horas, foi observada a presença de corpos estranhos sobre a Base. Não foi possível calcular a altura dos mesmos nem a velocidade com que se deslocavam, embora seja razoável dizer que seu valor é muito acima do que qualquer outro de que a Base tenha conhecimento. Seu formato era, de modo geral, circular e sua cor prateada fosca. Tendo em vista sua altura, seus movimentos intermitentes e volta ao local de partida, não seria possível confundirlos com corpos celestes conhecidos. No momento da observação não havia balões de sondagem meteorológica sobre Porto Alegre. O fato foi comprovado por vários oficiais aviadores, sargentos, praças e civis. A Base já comunicou ao Estado Maior da Aeronáutica e solicitou uma investigação a respeito. Solicita-se ao

povo em geral que, caso seja observada ocorrência similar, seja trazida ao conhecimento deste comando, por escrito, com descrição detalhada, citando testemunhas se as houver, hora, local, tipo de observação (olho nu ou por meio de instrumentos), nome por extenso do observador, residência e profissão. Seria, de desejar, que a firma fosse reconhecida. Quando houver possibilidade, a presença da pessoa que fez a observação seria interessante".

Este comunicado foi publicado e não deixa margem à dúvidas ou interpretações. Poucos dias depois, no Rio de Janeiro, o então Chefe do Estado Maior da Aeronáutica, Brigadeiro Gervásio Duncan, deu uma entrevista coletiva à imprensa, durante a qual limitou-se a ler cinco dos dezesseis relatórios recebidos de Porto Alegre. Quando lhe perguntaram o que eram aqueles objetos, o Brigadeiro apenas respondeu:

—Não sei!

O assunto só voltou a ser revivido quando, em dezembro daquele mesmo ano, o Brigadeiro João Adil Oliveira (na época Coronel Aviador e Chefe do Serviço de Informação da Aeronáutica), realizou conferência acerca dos UFOs no auditório da Escola Técnica do Exército, para os diplomatas da Escola Superior de Guerra. Nessa conferência, o Coronel Adil fez um retrospecto do problema, citou casos impressionantes e terminou apresentando os oficiais da Base de Gravataí e outras testemunhas. Em certo trecho de sua conferência, o Coronel Adil afirmou, com todo o peso da sua autoridade:

—O problema é sério e merece ser tratado com seriedade. Quase todos os governos das grandes potências se interes-

sam por ele e o tratam com seriedade e reserva, dado seu interesse militar.

Em janeiro de 1958 aconteceu o caso da Ilha da Trindade, que só foi levado a público em fins de fevereiro. Os detalhes e as quatro fotos tiradas de bordo do Almirante Saldanha provocaram nota oficial da armada, declarações positivas do então comandante da ilha, Capitão de Corveta, Carlos Alberto Bacellar, e um pedido de informações na Câmara dos Deputados, dirigido pelo Deputado Sérgio Magalhães ao Ministro da Marinha (que foi respondido em documento oficial). Era Presidente da República naquele tempo, o Sr. Jucelino Kubitchek, que se interessou pessoalmente pelo fato. E que, ainda no ano em curso, entrevistado por um repórter de TV, que lhe perguntou repentinamente se acreditava nos objetos aéreos não identificados, respondeu afirmativamente, desenvolvendo vários conceitos em torno do tema, com aquela grande capacidade de expressão que todos conhecemos.

IV

Na tarde de 20 de agosto de 1966, Jorge da Costa Alves, de 18 anos, subiu o morro do Vintém - RJ, para soltar pipa. Encontrou dois homens mortos e voltou aterrorizado para casa. Em poucos momentos o local ficou repleto de policiais, bombeiros, perícia e imprensa. Os dois corpos estavam próximos um do outro e já cheiravam mal. Vestiam ternos e estavam deitados de costas, ligeiramente encobertos pelo mato. Sobre os ternos, duas capas impermeáveis. Nenhum sinal visível de violência. Nem no local, nem nos corpos. Ao lado, uma garrafa de água mineral vazia e um pacote com duas pequenas toalhas. No rosto dos cadáveres, duas máscaras de chumbo.

A polícia identificou-os pelos documentos encontrados: Manuel Pereira da Cruz e Miguel José Viana. Ambos, técnicos em Eletrônica, residentes em Campos - RJ. Além das estranhas máscaras de chumbo, ainda foram encontrados indícios que complicaram mais as circunstâncias. Uma agenda, com sinais e números ao estilo de mensagem cifrada. Bilhetes, entre os quais um que dizia: "16,30 estar local determinado. 18,30 ingerir cápsula após efeito proteger metais aguardar sinal máscara".

Eles haviam saído de Campos, no dia 17, dizendo que iriam a São Paulo comprar material de trabalho. Um carro também estava na possibilidade de compra, para o que traziam a importância, na época, de 2 mil e 300 cruzeiros novos. Segundo testemunhas, empacotados num saco plástico, envolto em papel grosso. Esse dinheiro nunca foi encontrado. Todos os seus passos desde que de lá saíram foram rigorosamente levantados pe-

los detetives cariocas. Tomaram o ônibus às 9 horas da manhã, chegando a Niterói às 14h 30m. Compraram num armazinho as duas capas impermeáveis e num bar a água mineral. Depois seguiram direto para o local onde foram encontrados mortos. Para que e por que, somente eles dois sabiam. Inicialmente, a polícia acreditou que a vinda deles a Niterói se devesse a um encontro com um terceiro personagem. Um dos bilhetes e o desaparecimento do dinheiro reforçavam essa hipótese. No entanto, faltou base nas investigações do delegado Venâncio Bittencourt e os detetives Idovã e Oscar. Um latrocínio explicaria alguns detalhes, mas deixaria muitos outros sem explicação. Duas outras hipóteses foram levantadas, dentro de um quadro de homicídio. Espionagem ou contrabando. Os dois teriam sido eliminados por elementos de uma ou outra organização. Aquele morro era sabidamente um reduto de contrabandistas, e os dois sempre mostraram interesse em peças estrangeiras. Eram suposições, e daí não passaram.

Quando encontrados, os corpos apresentavam uma coloração rosada. Um bilhete falava em "proteger metais e aguardar sinal máscara". As máscaras estavam lá. Típicas para a proteção dos olhos contra luz intensa. Talvez calor exagerado ou mesmo radiação. As capas impermeáveis, absolutamente desnecessárias naquele dia. Todos os requisitos para um bom caso policial. Um novelista talvez não pedisse tanto. Isso tudo autoriza a pensar, inclusive, em coisas extraterrenas. E muita gente pensou, provar é que não houve jeito. Estariam os técnicos em Eletrônica tentando comunicação com seres de outros mundos? Seria um contato com habitantes de outros planetas? Que viriam de Discos

Voadores ou de outras formas para o encontro? As declarações de Dona Gracinda Barbosa Coutinho de Souza foram importantes neste aspecto. Ela era moradora nas redondezas e o pronunciamento foi feito na ocasião. Afirmou juntamente com os filhos, que viram um Disco Voador sobre o Morro do Vintém. Um objeto de forma arredondada, cor de laranja, que teria sobrevoado e permanecido ali por alguns minutos. Exatamente no dia e hora da morte dos dois moços. Coincidência, imaginação, verdade, ficção, nada pode ser desprezado, até que alguma coisa fique confirmada com provas. Que os rapazes eram dados a essas tentativas não há dúvidas. Viviam tentando contato com outros mundos ou com forças sobrenaturais. Eram dados à práticas místicas. Faziam experiências estranhas, barulhentas e perigosas. Uma foi realizada na praia de Atafona, próxima de Campos. Ali, os dois falecidos, mais dois companheiros de nomes Elcio Gomes e Valdir, provocaram um fenômeno que resultou numa tremenda explosão. Várias casas da redondeza ficaram ligeiramente danificadas. E durante algum tempo não se falava noutra coisa no lugar. Surgiu até uma versão de que um Disco Voador teria caído na praia. Essas histórias e outras de igual calibre constam de vários depoimentos de pessoas intimamente ligadas aos dois experimentistas. Isso, portanto, está mais do que provado testemunhal e materialmente, porque as sobras dos fenômenos eram eventualmente recolhidas por pessoas e foram confiscadas pela polícia. Pedacos de canos galvanizados, pólvora, espoletas etc. Sim porque, as experiências não passavam, na realidade, de detonação de bombas caseiras. Todas essas passagens constam dos depoimentos tomados em cartório, de: D. Nelly,

viúva de Manuel Pereira da Cruz; Sebastião da Cruz, pai de Manuel; Aluísio Batista Azevedo, amigo de ambos, que os levou de Jeep à rodoviária, a fim de pegarem o ônibus; Elza Gomes Viana, viúva de Miguel José Viana; e muitos outros. Eles faziam segredo de tais práticas, e só um grupo reduzido sabia. Um círculo pequeno de amigos. Todos espíritas, que realizavam sessões, reuniões e trabalhos, ora na casa de um, ora na casa de outro. Deles, Miguel, um dos mortos, e Élcio eram os mais ativos e empolgados. Já Manuel vivia "entre a cruz e a cadeirinha"; acreditava desconfiando. Miguel insistia com o companheiro Manuel para convencê-lo. Uma vez convidou-o a assistir a uma "prova" no quintal de sua casa. Fogos correram pelo chão e culminaram num estrondo. Posteriormente o pai de Manuel, que a tudo assistia da janela, recolheu no lugar os restos da "prova". Um pedaço de cano galvanizado e fios, que mostrou ao filho, advertindo-o de que estava sendo estupidamente enganado. Mas a dúvida permaneceu, tanto que num dos depoimentos havia uma referência a que Manuel, em dia próximo ao de sua morte, teria dito: "Vou assistir a uma experiência definitiva. Depois dela, eu digo se acredito ou não".

Essas versões extraterrenas e sobrenaturais são sempre a tônica de casos de difícil solução. Geralmente tratam de fatos apoiados em depoimentos, nunca em provas reais. É uma faixa de perigoso trato, onde qualquer resvalo pode conduzir ao ridículo. Entretanto, nunca podem ser desprezadas, pois constituem invariavelmente uma possibilidade viável. Neste já famoso caso das máscaras de chumbo, essas hipóteses vingaram na não determinação da "causa mortis". E o problema tomou dimensões

que ultrapassaram os limites do Estado do Rio de Janeiro. Trata-se de um enigma que desafiou a técnica policial brasileira. Se foi crime, teria de haver um terceiro personagem na história. Inicialmente todas as suspeitas recaíam sobre Élcio Gomes, porém nada ficou que pudesse lançar-lhe a mais leve culpa. Nem mesmo a possibilidade de latrocínio, na qual o terceiro homem poderia ser alguém absolutamente desconhecido. Suicídio, nem se pode cogitar, por falta total de base. Sobrou ainda a versão de acidente. Um bilhete falava em "ingerir cápsulas". Eles teriam tomado alguma droga letal com a finalidade de buscar a "transcendência". Mas o diabo é que isso não apareceu nos exames toxicológicos. O que eram as tais cápsulas? Quem as forneceu? Quem as manipulou? Perguntas que, se respondidas, poderiam trazer muita luz ao caso. Acontece que tanto o delegado Venâncio como o delegado Sérgio Rodrigues e seus comandados esgotaram os meios, sem nada conseguir. A conclusão a que todos chegaram foi que somente a determinação da "causa mortis" poderia trazer a solução definitiva.

O Secretário da Segurança Dr. Homero Homem, o Comissário Luizinho, Oficial de Gabinete, o delegado Sérgio Rodrigues e o delegado Idovã, formaram uma linha de ataque ao problema. Novas diligências foram feitas na cidade de Campos e Macaé. Outro levantamento de local, mais minucioso e cuidadoso. Reinquirição de todas as testemunhas já ouvidas. Depoimentos de novas testemunhas. Enfim, uma arrancada para a elucidação total e satisfação da sociedade. Prova alguma, porém, surgiu que pudesse atribuir a responsabilidade a alguém pelas mortes de Manuel Pereira da Cruz e Miguel José Viana. Cada vez mais

se concretizava a idéia de que a chave do mistério residia na identificação da "causa mortis". Convictas disso, as autoridades, em agosto de 1967, exumaram os dois corpos. Os Drs. Sebastião Faillace e Adalberto Otto colheram mais material para exame. Com a colaboração de mais dois médicos legistas do então Estado da Guanabara, fizeram um belíssimo trabalho de Medicina Legal. Infelizmente, a presença de formol nos corpos exumados prejudicou sensivelmente o trabalho dos legistas. O embalsamamento pôs por terra grande parte da chance, porque certas substâncias tóxicas não puderam ser testadas.

Num balanço das medidas até então tomadas, tínhamos os seguintes resultados: exames de local, da época (1967), e atual (1968): nada que determinasse morte violenta ou não. Laudo da necrópsia da época: nada que pudesse determinar a morte. Exame toxicológico do local: nada que pudesse causar a morte. Exame toxicológico na época e na exumação: nada responsável pela morte. Exame grafotécnico: os bilhetes foram escritos por Miguel.

Uma pergunta sem resposta. Que tipo de morte esteve no morro do Vintém, na noitinha de 20 de agosto de 1966? Deste planeta; de outros espaços; de outra dimensão? Que morte que levou duas almas, sem justificar? Que não deixou nada que a identificasse, porque veio mascarada? Com duas máscaras de chumbo...

(Revista "O CRUZEIRO" - 1968 - Do texto de Jorge Audi)

V

Na noite de 4 de julho de 1971, por volta das 22h 30m, o fotógrafo José de Oliveira, do jornal "Correio Popular" de Campinas SP, ouviu um repentino alarido vindo da rua, e no mesmo instante algumas crianças irromperam casa adentro, gritando por ele, pedindo que olhasse pela janela. Olhou e viu: o objeto em forma de pires luminosíssimo, desenvolvendo movimentos giratórios em volta de si mesmo, e aparentemente parado, flutuante. O fotógrafo apanhou a máquina sobre a mesa, encaixou rapidamente a teleobjetiva, colocou o filtro em ponto infinito e mirou o objeto, que decidiu mover-se. A máquina fez "clic". O único pecado consistiu em que dentro da máquina não havia filme algum.

Segundo observadores das imediações do bairro, e do próprio bairro, o Jardim Proença, a luz começou diminuta, muitos julgaram que fosse avião, embora a luminescência que o circundava não fosse comum a qualquer avião. À medida que se aproximava, num crescendo assustador, as pessoas puderam ver a sua forma justa, um disco irradiante e silencioso, severíssimo.

O objeto, ameaçadoramente baixo, tomou o rumo da Escola de Cadetes sobrevoando o bairro do Castelo, onde centenas de pessoas puderam vê-lo. Nas portas dos bares e ao longo das ruas muita gente parou, tenebrosa, para seguir com os olhos a

caminhada sinistra do "pires voador". Os testemunhos invariavelmente coincidem, mas as opiniões se diversificam. Instrumento do outro mundo, máquina de espionagem estrangeira ou imaginação coletiva, o fato é que o bairro inteiro viu e comentou. E tomou partido.

Renato Esmariaga, de uns doze anos, virou-se em certo instante para seus companheiros e gritou: "chi, olha lá um disco voador!". Os outros garotos levantaram o rosto para o céu: o "disco" veio vindo, ligeirinho, sem barulho. Grande, a inconfundível luz cor-de-rosa circundando-o, venceu o bairro do Castelo e sumiu para os lados da Escola de Cadetes.

Abdala Bittar, dono de uma sapataria do bairro do Castelo, testemunha de duas aparições dos misteriosos discos, esta do dia 4 e outra mais ou menos antiga, prefere deixar de lado as definições científicas. Busca de entre as prateleiras cobertas de sapatos a sua surrada bíblia e aponta para o repórter o capítulo primeiro do livro de Habacuque, versículos 8-9. Lá se vê: "E virão de longe, voando como águias que se apressam à comida. Eles todos virão com violência." O repórter fecha o livro e o sapateiro, com cara de triunfo, sorri e diz: "Eles existem sim, por que não?".

As hipóteses se multiplicam e as investigações vão se confundindo cada dia. Uns são céticos e frios: Os fenômenos são meras manifestações atmosféricas e bolas de fogo geradas por húmus da terra. Outros crêem que a imaginação do povo transforma os inúmeros satélites experimentais em monumentos voadores, dando-lhes formas as mais exóticas e atribuições extranaturais.

O conhecido C. G. Jung considerou os discos voadores sob o aspecto de neurose coletiva, em que atrás dos fatos "se esconde um componente psíquico de peso essencial". Concorde porém que "foi provavelmente a aparição no céu de corpos reais e concretos que desencadeou nos homens projeções de ordem mitológica". Mas, como estudioso, reconhece a existência do fenômeno.

As aparições dos objetos não identificados remonta a milênios atrás. Já a bíblia nos fala dela. Isaías, o profeta judeu, escreveu: (cap. 60-8 e 9)" certamente as olhas me guardarão. (...) quem são estes que vêm voando como nuvens e como pombos às suas janelas?". Nostradamus, vidente do século XVI, e cujas previsões segundo alguns vêm se cumprindo religiosamente, dá a interpretação: As ilhas, na acepção dos judeus, eram todas as terras situadas além do mar. Vêm voando como nuvens, Isaías teve uma visão. Viu grandes aviões ou grupos deles, como nuvens. Como pombas às suas janelas. Os viajantes vão sentados, junto às janelas.

Resta saber se a profecia se refere realmente aos atuais discos ou a aviões de fabricação terrena. Mas o obstinado Nostradamus vai buscar argumento nos velhos cronistas romanos, que em 98 anos antes de Cristo, num estilo de diário escreveram: "ao por do sol, foi visto um círculo, semelhante a uma rodela, que se desloca do oriente para o ocidente".

(Jornal "Correio Popular" 07/12/1971)

"Renato Inácio da Silva, autor do livro "No espaço não estamos sós" já lançado em 2.^a edição, faz um relato do apare-

cimento, de discos voadores no Brasil de 1954 a 1960. Cita os casos, datas, nomes de pessoas.

Relata, na página 281, o que aconteceu em 30 de agosto de 1970. Quando dava guarda às instalações da Hidrelétrica do Funil, a dez quilômetros da cidade de Itatiaia, estado do Rio de Janeiro, o vigilante Almiro Martins Freitas foi atingido por um objeto não identificado. Segundo os médicos que o atenderam, o guarda teve cegueira psíquica por alguns dias e permaneceu em estado emocional abalado. Passava das nove horas da noite quando ele começou a fazer ronda nas torres dos transformadores. Ao ultrapassar a casa de força notou acima da construção de cimento, uma estranha luminosidade. Rapidamente abaixou-se e começou a rastejar. A 10 quilômetros de distância, viu algo que definiu como "uma forma estranha", pousada na plataforma de cimento, emitindo fortes luzes de diversas cores.

O objeto, segundo descrição de Almiro, era redondo, circundado de luzes azuis, amarelas, verdes e não fazia ruído algum. Temendo sim alguma coisa que tivesse ali para destruir a estação, o guarda apitou, fez soar o alarme e ao mesmo tempo sacava de sua arma, desfechando três tiros contra o objeto. Minutos após, Almiro foi encontrado caído pelos colegas e gritando:

—Não olhem para a luz. Ela me atacou, estou cego.

Foi levado para a enfermaria onde recobrou os movimentos, pois até então estivera paralisado. No local ao ocorrido, o chefe da guarda e outros vigilantes notaram que embora tivesse chovido um pouco naquela hora, o chão estava completamente seco, como se tivesse recebido calor. O ponto indicado achava-se misteriosamente enrugado numa extensão de

va-se misteriosamente enrugado numa extensão de três metros de diâmetro, diferido do resto de cimento que era recente e muito bem plainado. Entre 30 de agosto e 7 de setembro, mais cinco guardas da Companhia Hidrelétrica do Funil, considerada zona de segurança nacional, (proibida a qualquer pessoas que não fosse funcionário), avistaram OVNI's sobrevoando a área. Um garoto de oito anos correu para a casa de sua avó dizendo ter visto um "bicho cheio de luzes perto da barragem". Um leiteiro e várias pessoas afirmaram ter visto nas imediações, em diferentes situações, Objetos Voadores Não Identificados (OVNI's).

Grande parte da população do distrito de Souza's, Campinas, SP, viveu em junho de 1973 em estado de expectativa diante de coisas estranhas que aconteceram em virtude, aparentemente, de uma "bola de fogo" - expressão criada para identificar algo que em termos mais científicos, seria apontada como um "objeto voador não identificado" - descoberto em janeiro do mesmo ano, pelo jovem bancário Gilmar Aparecido Barijan.

A "coisa", que parecia ter forma oval e cor vermelha bastante acentuada, foi indicada por populares como fator determinante, da repentina falta de energia elétrica registrada na escola local no dia 7 de junho de 1973. Pelo menos, segundo moradores do distrito, o estabelecimento escureceu simultaneamente à passagem da "bola de fogo" sobre seu prédio e técnicos da CPFL (Companhia Paulista de Força e Luz) afirmaram, quanto a isso, que a falta de luz havia sido provocada pela queima de fússíveis. A dúvida persistiu entretanto. Houve quem lançou a hipó-

tese de que a avaria havida nos fusíveis foi devida, justamente à "coisa".

Gilmar Aparecido Barijan, jovem de 16 anos que anunciou aos moradores de Souza a existência da "bola de fogo", declarou à reportagem do jornal "Correio Popular" sobre os acontecimentos, assegurando sempre, entre suas declarações que "a coisa me persegue".

Funcionário da agência do Bradesco e aluno do ginásio Estadual "Manoel Marcondes Machado" (a escola que teve suas luzes apagadas), Gilmar contou ao jornal que avistou a "coisa" pela primeira vez havia seis meses, pairando sobre um cafezal existente na fazenda onde morava juntamente com seus pais. Não distinguiu bem, nessa oportunidade, a conformação e coloração do objeto e não ousou também aproximar-se dele. Não deu ainda importância ao fato e prosseguiu em sua vida normal. Uma existência que se resumia no trabalho de oito horas no Banco, no estudo noturno e nas viagens diárias que efetuava entre Souza e sua casa, localizada a poucos quilômetros de Joaquim Egídio.

Teve, no entanto, que voltar novamente sua atenção para o estranho objeto quando, voltando da escola em seu carro, avistou-o próximo ao Distrito de Joaquim Egídio. A "coisa", com efeito, parecia segui-lo e desapareceu - repentinamente - somente após Gilmar entrar em sua residência e comunicar ainda, o fato a seus pais e irmãos. Aparecido supôs que a "coisa" estivesse a uma distância de 700 metros do ponto de observação: apresentava, nessa ocasião, a forma e o tamanho de um globo.

A partir desse momento, durante vinte e cinco dias consecutivos, pode avistar, em suas viagens, a mesma "bola de fogo". Notou, ao longo desse tempo, que o trajeto do objeto, embora obedecendo um traçado mais ou menos definido - transitava entre Souza's e a fazenda onde residia Gilmar - variava bastante: aparecia alternadamente à sua direita e a sua esquerda. Prova de que, realmente, movimentava-se.

A prova definitiva - e objetiva - Gilmar só a obteve, contudo, no último dia 7, numa experiência que resultou bastante dolorosa. Gilmar queria, neste dia, convencer suas irmãs de que a "bola de fogo" realmente existia e conduziu-as em seu veículo até o local onde a encontrava comumente.

Partiu de Souza's, aproximadamente às 22 horas, decidido a validar suas afirmações. A pouca distância de Joaquim Egídio os três irmãos - Gilmar, Neide e Suely - puderam observar a "coisa", aparecendo repentinamente no céu. Segundo Aparecido distava 500 metros do carro. Confirmado o fato e abandonado todo o ceticismo, as irmãs insistiram então para que o jovem voltasse rapidamente para Souza's. Não esperavam encontrar verdadeiramente o objeto, nem apresentar tal atitude de pavor diante da situação.

Inquirido, Gilmar preparou-se, assim a fazer o retorno. Estava a colocar o veículo - um Fusca - em marcha-a-ré quando, a "bola de fogo" investiu contra o carro e "estacionou" por alguns segundos diante dele. Parecia estar, então, a uma distância de 50 metros. Tinha as dimensões de um automóvel de pequeno porte, emanava intensa luz vermelha e emitia raios concêntricos amarelos, envolvendo-se, assim, num círculo de "fogo".

Nos poucos instantes em que Gilmar esteve "frente a frente" com a coisa - como ele próprio disse - pode observar sua forma elíptica e a influência em seu corpo e no veículo. "Durante cinco minutos tentei colocar novamente o carro em movimento, porque o motor havia morrido, enquanto sentia um intenso formigamento na pele e uma tremenda dor de cabeça".

Foram sintomas que não passavam, embora Gilmar já estivesse no dia seguinte, trabalhando regularmente. Contou ao jornal sua experiência ainda aparentando a fadiga do dia anterior e acentuando que "os fatos foram dolorosos demais". Por muitos meses ainda Gilmar permaneceu em Souza, residindo em casa da irmã. "Não quero repetir a experiência tão cedo", disse ele na ocasião.

Cleuza Aparecida João e Edna Ribeiro, estudantes universitárias, foram duas outras pessoas que puderam presenciar, no dia 6 de junho de 1973, o espetáculo da "bola de fogo".

Retornavam nesse dia da escola (eram 22h 30m), quando encontraram dois homens parados no acostamento da estrada, olhando para o alto.

Cleuza diminuiu a velocidade do carro e as moças saíram investigando o céu.. Num misto de surpresa, espanto e terror, concentraram suas atenções sobre um estranho objeto esférico a uma altura de aproximadamente 200 metros do carro. Envolvia-se numa luz intensa e assemelhava-se, realmente, àquilo que se convencionou chamar "disco voador".

Verdadeiramente surpresas, Cleuza e Edna conscientizaram-se da situação apenas quando a "bola de fogo" começava a

mover-se inicialmente em sentido horizontal e posteriormente em linha vertical.

Caravana foi organizada para investigar o fato. A "coisa" estava, no entanto, muito distante para que pudesse ser considerada um "OVNI".

Igual dúvida parece não ter existido, entretanto, entre alunos e funcionários do Colégio de Souza, que disseram ter assistido ao fenômeno já no sábado anterior. O objeto apresentou-se naquele dia, de acordo com alguns mestres e estudantes, bastante próximo e visível.

Na quarta-feira, quando as luzes da cidade foram apagadas, as mesmas pessoas avistaram novamente a "coisa", embora seu sobrevôo tivesse sido consideravelmente rápido.

Curiosos ao extremo, os alunos reuniram-se na sexta-feira, dia 8, após as aulas, 23 horas, e rumaram, em mais de vinte veículos, à Serra das Cabras (onde Gilmar Aparecido testemunhou todo o fenômeno). A nova caravana estava integrada até por estudantes da PUCC (Pontifícia Universidade Católica de Campinas), informados do fato por moradores do Distrito e igualmente curiosos. Todos objetivavam obter maiores detalhes sobre aquilo que se definiu às vezes como uma "bola de fogo" e outras como um alongado corpo luminoso.

A pergunta era a mesma em todas as mentes: "ilusão de óptica, disco voador ou fenômeno físico facilmente explicável"?

VI

O depoimento abaixo foi colhido por mim e faz parte do relatório N.º 0001 da SIFETE - Pesquisa Científica.

N.º 0001

Depoimento do Sr. Álvaro Fávero.

Idade: 40 anos, residente à rua Senhora da Conceição, 146 - Paulínia - SP.

Profissão: Motorista.

"Eram cerca de 23 horas do dia 6 de abril de 1976. Estava fazendo minha última viagem Campinas - Paulínia. Notei que vários caminhões à minha frente estavam diminuindo a marcha. Quando consegui ultrapassar os caminhões, na segunda tentativa, meu filho a meu lado se espantou com o que via e imediatamente eu diminui a marcha, porém não cheguei a parar.

Eu estava a uns quatro quilômetros de Paulínia. Era um objeto bastante grande da forma dos que chamamos Discos Voadores. Como uma semi-esfera sobre um prato. Era de cor vermelho-alaranjado. Não deu para ter idéia do tamanho exato, mas talvez estivesse a uns 500 ou 600 metros de distância e a uns 20 metros do chão. Então ele descreveu uma trajetória irregular ou talvez na forma de um triângulo e desapareceu como se nunca estivesse estado ali".

Sumaré, 8 de abril de 1976.

O referido depoimento foi assinado pelo Sr. Álvaro Fávero dando ciência do fato.

No dia 7 de maio de 1952, dois repórteres fotográficos do semanário brasileiro "O CRUZEIRO", chamados João Martins e Ed Keffel foram enviados à Barra da Tijuca, no rio de Janeiro. Tinham que obter várias fotografias do lugar denominado "Ilha dos Namorados". Martins e Keffel haviam começado seu trabalho no lugar indicado quando Martins, ao levantar a vista, foi surpreendido pela chegada de um silencioso objeto que se movia acima deles. À distância parecia um avião visto de frente, mas o estranho era que se deslocava lateralmente e a enorme velocidade. "Vinha diretamente do oceano para a terra - explicou depois Martins - e em direção perpendicular às rotas das linhas comerciais de aviação. Eu disse: "Olha Keffel, que diabo será isso?" Qualquer outra pessoa não teria dado importância ao fato, mas nós somos cronistas e por dever profissional temos a atenção sempre alerta. O objeto pareceu diminuir de velocidade e suas formas se apresentaram mais claras ao passar em frente ao sol. Keffel tinha uma lente ultra rápida e uma carga completa em sua máquina. Focalizou o disco e apertou o disparador. Como se do aparelho nos tivessem observando, enquanto Keffel o fotografou mudou de rumo, pôs-se em posição vertical e desapareceu no horizonte, do lado do mar, numa velocidade extraordinária."

"Não fazia nenhum ruído de motor e apenas deixava uma esteira que se desvaneceu em seguida. Creio que as pessoas que se achavam perto de nós nem sequer perceberam sua presença."

"Quando chegamos à redação corremos ao gabinete de revelação para ver o que Keffel havia fotografado. Eram fotos claras de um Disco Voador. Ao calcular em seguida seu tama-

nho chegamos à conclusão de que o disco media entre 20 e 30 metros de diâmetro e sua espessura era de 4 a 6 metros. A impressão que eu e Keffel tivemos do local começou a ter de novo efeito sobre nós quando pudemos ver as provas das revelações."

As provas gráficas desses hábeis repórteres foram minuciosamente controladas pelo governo brasileiro e por funcionários do FBI norte-americano. Não existe nelas nada que permita qualificá-las de falsas e são consideradas como uma das mais valiosas já obtidas.

(Jornal Tribuna da Imprensa - Rio de Janeiro - 11 e 12 de agosto de 1973)

A Sra. Irene Granchi, representante no Rio de Janeiro da APRO - Uma Organização Internacional de Pesquisas sobre fenômenos aéreos relacionados a objetos não identificados, com representação em mais de 50 países - contou sua experiência pessoal, ocorrida em 1947, que determinou o início de seu interesse pelo assunto:

"—Eu estava em minha chácara, em Vassouras, no estado do Rio de Janeiro, eram mais ou menos 15h 30m. Olhava a horta, despreocupada, quando minha vista foi atraída pelo brilho do sol refletido num objeto em forma de disco, com sulcos circulares, de aparência metálica, que percorria a pouca altura o longo dos trilhos da estrada de ferro.

O vôo do objeto era semelhante ao de uma folha ao vento. Não condizia, absolutamente, com a natureza do material de que ele parecia ser feito. Isto foi o que mais me impressionou."

Ela disse que calculou em alguns minutos o tempo que o objeto esteve sob sua vista e que lhe ocorreu imediatamente um

pensamento nítido: "Nunca mais vou ter sossego enquanto não souber o que é isto."

"—Mais tarde, através de pesquisas e estudos, cheguei à conclusão de que o objeto devia ser uma sonda, pois era pequeno. Mas na hora vi que era apenas um objeto estranho, diferente de qualquer outro conhecido com o qual pudesse ser confundido à distância."

A Sra. Granchi (brasileira naturalizada, de origem inglesa, professora de línguas, moradora em Copacabana) achou importante notar que na época ela não conhecia nada sobre o assunto.

"—Pouco tempo depois, li uma entrevista sobre objetos não identificados dada pelo Dr. Olavo Fontes - já falecido - que era então médico bastante conhecido e professor da Faculdade de Medicina do Rio. Procurei o Dr. Fontes, contei-lhe meu caso e ele me pôs em contato com as publicações e organizações internacionais ligadas às pesquisas científicas sobre estes estranhos fenômenos."

"—O nome do Dr. Olavo é conhecido internacionalmente entre os estudiosos da Ufologia por ter sido um dos pioneiros da pesquisa científica em seu país. Houve nos Estados Unidos, um prêmio oferecido pela APRO a uma pesquisa sobre os chamados Discos Voadores."

Na época, 1973, o representante brasileiro da APRO era o Professor Flávio Pereira que fundou, em São Paulo, o Instituto Brasileiro de Aeronáutica e Ciências Espaciais e a Associação Brasileira de Estudos de Civilizações Extraterrestres.

Os estudiosos da Ufologia em todo o mundo têm um sério e importante apelo a fazer: é preciso mudar a mentalidade em relação aos estudos de objetos não identificados. Em vez de ser ridicularizado, o assunto deve ser encarado e tratado da maneira mais séria possível para que as investigações sobre os assuntos possam prosseguir e se desenvolver rapidamente. Se tivéssemos uma outra atitude em relação a estes fenômenos talvez já pudéssemos ter estabelecido uma comunicação avançada com tripulantes de discos extraterrenos. Você já pensou nessa possibilidade?

(Jornal do Brasil - 19/10/1973)

Um objeto voador não identificado foi visto no aeroporto de Viracopos - Campinas - SP, por volta das 23 horas do dia 6 de novembro de 1973, por alguns policiais que lá estavam a serviço.

O objeto não identificado, foi visto pelo cabo da Polícia Militar, José Carlos de Moraes, de 38 anos, pelo tenente Marinho e cabo Russo.

Segundo declarações do cabo José Carlos de Moraes, que estava na noite de terça-feira em serviço de rotina de patrulhamento no aeroporto Internacional de Viracopos, juntamente com seus companheiros, quando se dirigiu à cabeceira da pista de aterrissagem do aeroporto, junto com o cabo Russo, foi surpreendido por uma forte luminosidade refletida no asfalto da pista. Quando, ao notarem a intensa luz refletida no asfalto, procuraram localizá-la, confirmaram, para sua surpresa, que vinha

de um estranho objeto de forma arredondada, que pairava sobre a cabeceira da pista.

Imediatamente, os dois cabos da Polícia Militar procuraram chamar seus colegas de patrulhamento, alguns inclusive, apesar de estarem fiscalizando as imediações da pista de Viracopos, já também haviam visto o estranho objeto, e estavam apressadamente se dirigindo ao encontro de seus colegas, localizados, segundo o cabo José Carlos de Moraes, "debaixo da luz".

Cinco componentes da polícia estavam então presentes ao local onde oferecia a melhor possibilidade de admiração do objeto luminoso, e passaram então a descrevê-lo.

"Era bastante estranho o objeto. A princípio pensei tratar-se de um helicóptero, mas logo notei suas dimensões e conclui que não podia ser", disse o cabo Moraes.

Alguns funcionários do aeroporto também foram testemunhas oculares do fato e, juntamente com os policiais militares da fiscalização, descreveram o objeto como de forma arredondada, achatada, "parecendo um Disco Voador", como declarou uma das testemunhas.

Sobre seu tamanho e cor disseram: "Era bastante grande, maior do que a figura dos aviões naquela mesma altura, porém seu barulho era pouco alto, semelhante a um zumbido de abelha". O que mais impressionou as testemunhas do objeto não identificado, foram suas cores que segundo declarações, eram tonalidades de um vermelho alaranjado, "super luminoso", e de vez em quando emitia raios esverdeados, tornando o espetáculo ao mesmo tempo maravilhoso e espantoso.

Estas cores variavam de tonalidade, de acordo com a posição do observador, visto que vários relatos de observadores de várias posições estratégicas, confirmaram o alaranjado e os raios verdes como principal fato visual, sendo que outros, os da cabeceira da pista, disseram ser vermelho forte a cor predominante.

Tudo isso ocorreu durante cerca de três minutos, conta um dos observadores, mesmo assim a torre do centro de controle do Aeroporto, situada não muito longe da posição inicial das observações, foi avisada por um dos policiais militares, e esta, por sua vez, começou a procurar uma identificação desesperadamente, o que no entanto foi inútil, pois o objeto voador não identificado, não conseguia ser identificado de modo algum, assustando o pessoal da torre.

O objeto continuava ainda pairando sobre o ar, imóvel, notando-se apenas as variações de cor e os raios esverdeados emitidos pelo estranho objeto.

Nada podendo fazer para uma possível identificação, os observadores continuaram apenas a observá-lo, esperando que algo sucedesse, o que não demorou a acontecer.

"De repente, enquanto não tirava os olhos da luz cor de laranja, as cores passaram a se misturar e o estranho aparelho se deslocou para o lado da cidade de Itu, numa velocidade superior a de qualquer avião a jato que tenha visto, parecendo mais um foguete, que enquanto se afastava subia aos céus em velocidade inacreditável", declara a principal testemunha ocular, o cabo da Polícia Militar José Carlos de Moraes.

Nos dias após a aparição, depois do interesse já ter sido levantado, todos em serviço procuravam ver novas aparições, o que não aconteceu.

"Da próxima vez que 'ele' aparecer, estarei com minha câmara fotográfica", declarou um funcionário do aeroporto.

Nas pequenas vilas do Nordeste o povo saía assustado de casa: falava-se no fim do mundo.

No telefone, nervoso, o prefeito de uma pequena cidade do norte do Ceará, insistia em falar com o governador César Cals: era urgente, urgentíssimo. Em Ibiatuba, sudoeste da Bahia, o prefeito Hildebrando Nunes mandava um comunicado urgente à 6.^a Região Militar.

Na estrada para Feira de Santana, o trânsito parou: filas enormes de caminhões de cargas, carros particulares e centenas de motoristas de olho no céu.

No Ceará, dois aviões Xavante, da FAB, levantaram vôo para uma missão incomum; perseguir um estranho objeto que tanto podia ser azul ou vermelho, conforme a hora que cortava os céus do nordeste, numa longa viagem para o sul.

São algumas histórias de discos voadores. Em fevereiro de 1974 eles foram vistos em cinco estados - Bahia, Pernambuco, Ceará, Piauí, Alagoas - durante rês horas. E todos contaram quase a mesma história: era um objeto de forma oval, que mudava de cor e tamanho, com um brilho tão forte que queimava a vista.

Tribuna do Ceará, primeira página: "Objeto luminoso deixa a cidade em pânico". Como a Tribuna, quase todos os jornais de Fortaleza esgotaram cedo nas bancas: todo mundo queria detalhes sobre a viagem do estranho objeto que subiu nos céus da cidade às 18h 30m de um Domingo de fevereiro de 1974.

Nos bairros mais nobres, o OVNI foi recolhido como um sinal do fim do mundo: assustado, o povo saía de casa e corria em direção à rua. Logo que o objeto apareceu, os dois aviões da FAB levantaram vôo, mas regressaram à base pouco depois: o OVNI havia sumido.

Os telefones das redações dos jornais de Fortaleza tocaram a noite inteira: eram pessoas ligando do interior do estado, para falar da passagem do "Disco Voador". O prefeito que ligou para o governador César Cals deixou um recado falando sobre a invasão dos OVNI: o governador não estava no palácio.

O depoimento dos que viram: era um objeto de forma oval, ora parecia como uma lua cheia, ora bem maior. Enredava do amarelo para o vermelho, para o azul, para o verde.

Em Teresina, muita gente saiu às ruas entre 19 e 19h 30m para ver o objeto "que cortava o céu da cidade irradiando uma luz muito branca. Tinha quarenta centímetros de diâmetro e desapareceu na direção norte, deixando uma nuvem esbranquiçada".

O astrônomo Cláudio Pamplona, do Observatório Herchel Eistein, que no momento da aparição estava na fundação de Meteorologia e Chuvas Artificiais, acha que o fenômeno foi causado por um bólido, isto é, um meteoro explosivo.

Isso - segundo ele - acontece quando um meteoro entra na atmosfera, num ângulo aproximado da linha vertical, ganhando uma velocidade muito grande que provoca a sua explosão.

Normalmente, explicou, o bólido deixa um rastro de ionização, fragmentos de sua desintegração. Neste caso específico, "observou-se um rastro que durou dez minutos, perto da constelação de Carneiro, um pouco ao sul do planeta Marte".

Em Feira de Santana, Bahia, o astrônomo Augusto César Orrico, do Observatório de Antares, desde a aparição tornou-se um homem sem sossego: todos queriam ver as fotos que ele tirou do objeto que viajou pelos céus da cidade durante trinta minutos.

Augusto César usou um filme de 400 asas, mas as fotos não ficaram nítidas.

Orrico tinha duas hipóteses para explicar o fenômeno: o ingresso de um satélite artificial na atmosfera ou a explosão de uma estrela. Ele disse que o objeto foi observado por centenas de pessoas em Feira de Santana: no começo, parecia uma estrela fixa de Segunda grandeza, soltando uma luz muito branca; depois aumentou de tamanho, passando a soltar uma luz azul, para finalmente, dividir-se em duas nuvens que se desintegraram.

No Recife, Nélia Noronha Pimentel, 17 anos, estudante do Colégio São João, voltava para casa no bairro da Várzea quando descobriu o OVNI. Correu para casa e poucos minutos depois, o bairro inteiro estava na rua, acompanhando a viagem do disco. Durante três minutos, ele sobrevoou o bairro, crescen-

do de tamanho para depois desaparecer, deixando uma sombra azul no espaço.

Em Caruaru, a 130 quilômetros de Recife, muita gente conta que também viu o disco: ele ficou parado durante muito tempo sobre o céu da cidade, com um brilho intenso.

Em Limoeiro, 80 quilômetros a noroeste do Recife, o comerciante Inácio Roberto Queiroz disse que "viu o sinal luminoso no céu às 18h 5m, com uma cauda de grande luminosidade". O padre holandês Jorge Polman, do Colégio São João Recife, desmentiu a opinião do astrônomo Augusto César, da Bahia: "não era um satélite artificial. E tampouco a explosão de uma estrela."

Em Viçosa, a 92 quilômetros de Maceió, João Guedes, técnico em eletrônica, estava trabalhando quando viu o objeto aparecendo por "trás de uma nuvem branca": João foi uma das pessoas que ligaram para as redações dos jornais de Maceió dando a notícia da passagem do OVNI por Alagoas.

Em Maceió, o objeto começou a ser observado depois das 18 horas e foi visto durante muito tempo no bairro do Farol, na rua Pará e avenida Fernandes Lima. No Colégio São José, o padre Sarmento contava às freiras como tinha visto o disco, "de forma oval, brilhando como uma grande estrela".

(Jornal da Tarde - Fevereiro 1974)

VII

A partir das 19h 30m do dia 22 de junho de 1974, moradores do ABC e dos bairros da zona sul de São Paulo começaram a ver uma estranha luminosidade no céu, fotografada por Kenji Honda, do jornal "O Estado de São Paulo" e descrita das maneiras mais controvertidas em diferentes locais. Clóvis Cranchi Sobrinho, um fotógrafo residente no Bom Pastor, bairro de Santo André, viu assim a luz estranha: "parecia um enorme balão, com o formato de charuto, que emitia uma luminosidade forte, mas constante, e de coloração alaranjada. Ela se movimenta mas desaparecia de vez em quando, acredito que por causa de algumas nuvens que a encobria".

Essa descrição coincide com a da maioria das pessoas que viram o fenômeno. Mas há uma outra que se generalizou entre os moradores do bairro Eldorado, às margens da represa Billings, em Diadema, local de onde a luz pode ser vista com maior nitidez:

"Havia duas luzes. Uma delas era vermelha, forte e a outra azul. A vermelha apagava-se de vez em quando e então a azul quase nem podia ser notada".

O cabo Alimari, da Polícia Rodoviária, e mais dois colegas viram duas vezes o objeto quando passavam com a viatura pela estrada velha de Santos, por volta das 22 horas de quinta-feira, e na sexta-feira de manhã: "eram duas luzes fortes e brancas, como as de um helicóptero muito grande. Nossa viatura chegou a trocar sinais giroflexo com eles. Nós não chegamos a parar a viatura, nós apagamos e acendemos o giroflexo diversas

vezes. Em todas elas o estranho aparelho respondeu, acendendo e apagando uma luz vermelha muito forte".

Na Faculdade de Engenharia Industrial, em São Bernardo, alguns alunos viram a mesma luminosidade e acrescentaram uma outra característica ao fenômeno: "ouvimos um barulho mais ou menos forte, como o de um jato vindo bem alto. Olhamos então para o céu e vimos aquela luz alaranjada, misteriosa, mas muito bonita".

A partir das 21 horas do dia 21 de junho de 1974, a luz pode ser vista de quase todos os pontos do ABC. Muitos tinham a impressão que caminhava em direção à Diadema.

Para essa cidade se dirigiram vários carros, seguindo para a afastada localidade de Sete Praias, ao lado do bairro Eldorado, às margens da Represa Billings. Até as 2 horas da madrugada, carros do ABC, Santo Amaro e da Zona Sul de São Paulo eram vistos se dirigindo a Eldorado, com os ocupantes olhando o ponto luminoso no céu. Houve muita excitação e conversas sobre aparições de Discos Voadores e alguns jornalistas foram levados a procurar crateras no meio do mato seguindo indicações de que o "Disco Voador aterrisou aqui perto e chegou a abrir uma vala de 15 metros de diâmetro" o que não foi confirmado.

Para os cientistas brasileiros que participaram do Simpósio Internacional de Pesquisas Espaciais, no Parque Anhembi, a luminosidade nada mais foi do que consequência de um fenômeno natural com infinitas explicações. Uma delas seria um dos balões meteorológicos que o aeroporto solta diversas vezes durante o dia, inclusive quase no mesmo horário em que foi visto o

"disco". Um dos que não acreditavam na história do "disco", um estudante da Fundação Santo André, deu a seguinte explicação científica para o fenômeno: "nuvens cristalizadas que funcionam como uma espécie de espelho, refletindo a luminosidade da chama da Petroquímica de Capuava".

A versão é coincidente com a do Sargento Newton, da torre de congonghas, pois alguns aviões da FAB sobrevoaram o ABC e não localizaram nenhum aparelho estranho. O "espelho" explicaria também as respostas aos sinais luminosos emitidos pelos policiais rodoviários na estrada velha de Santos. Muitos não acreditaram nessa história "porque se nuvens se cristalizam, algum avião já teria batido nelas e não sabemos de histórias desse tipo até hoje".

(Jornal Correio Popular - junho 1974)

No dia 30 de junho de 1974, quando todas as atenções se voltaram para o jogo entre Brasil e Argentina, dois homens, um médico e um filósofo - tomaram o rumo da rodovia Castelo Branco e viajaram 150 quilômetros até a cidade de Tietê. Ali passaram praticamente o dia, interrogando um fazendeiro, fazendo anotações e olhando minuto a minuto o horizonte que se estendia - claro e límpido - em direção a Porto Feliz, Cerquilha, Capivari, Campinas, Viracopos...

Como veteranos pesquisadores que não mais traem suas emoções diante do mais fantástico relato, eles fizeram o fazendeiro repetir dezenas de vezes a sua história, ouviram os seus filhos - estudantes - e vizinhos, levando-os a repetir novamente

detalhes que, aparentemente, para os interrogados, não tinham o efeito de impressionar os dois homens como eles imaginaram.

—Mas já disse aos senhores que eu vi... E minha falecida esposa, os filhos, todos viram... O que estou lhes contando é a verdade, a mais pura verdade... Ali, da direção de Viracopos... Sempre das 18h 30m às 19 horas e em maior número às quartas e sábados... Arredondados, metálicos, parecendo deslizar no espaço... Até já responderam aos meus sinais de lanterna...

Os dois homens sorriam complacentemente, mas... "Vamos ver de novo... A que distância mesmo? Por favor, estique os braços e junte os dedos no tamanho exato... Ali, sempre de sul para norte... A luz emitida, de que tamanho mesmo? Amarela? Azul? Vermelha? Fixa ou móvel? E os objetos, isolados ou em formação? A que altura?

—Mas eu já disse... Ora, conheço bem aviões... Sim, sei que é rota para Viracopos... E eu sei diferenciar... As luzes vermelhas e verdes, dos que vi, ficavam a uma distância bem menor... A dos aviões piscam mais depressa... E eles responderam aos meus sinais... Não, não eram aviões... Eu conheço, ora... Acho que os senhores não estão acreditando em mim. (Um pouco sem graça)... Mas, esta é a verdade.

E o fazendeiro somente viu diminuída a sua decepção - "Mas os senhores não trazem instrumentos, lunetas, radares móveis?" - quando um dos homens, ainda sorrindo, lhe disse que o seu caso "merece em princípio ser pesquisado e estudado com maior profundidade, dado o grau de confiabilidade e estranheza que encerra".

Max Berezovski, o médico, e Guilherme Wirz, o filólogo, acabavam de completar ali, numa fazenda às margens da Rodovia Marechal Rondon, em Tietê, mais uma investigação preliminar, sobre o aparecimento nos céus do estado de São Paulo de mais um "objeto aéreo não identificado", os OANIs, mundialmente conhecidos como Discos Voadores.

Desde que reuniram em 1968 - junto com outros médicos, psiquiatras, engenheiros, técnicos e interessados - para fundar a ABECE (Associação Brasileira de Estudo das Civilizações Extraterrestres), que já receberam a denúncia de milhares de casos, viajaram mais de dez mil quilômetros para investigar uns 30, encontraram-se em dúvida com relação a uns dez e deram o seu veredicto de "real e verdadeiro" a apenas uma meia dúzia.

O caso do fazendeiro de Tietê - cujo nome preferiram não divulgar por questão de ética - ficou entre os arquivados para posteriores investigações. Mas garantiram que o seu grau de estranheza era baixo, ao contrário das experiências - fascinantes e investigadas inclusive pela Aeronáutica - de Maria Cintra a enfermeira de Lins; de Toríbio Pereira, o tratorista também de Lins; de Tiago Santos, o vendedor de frutas de Pirassununga; e de Caetano Sérgio Santos, o vigia noturno de Caconde.

—De tudo o que aparecia e que era visto, apenas um por cento se ficava sabendo.

A declaração foi do Prof. Wirz, citando todos os casos de aparecimento de objetos aéreos não identificados nos céus de todo o mundo. Entretanto, desse um por cento conhecido, já foi possível aos especialistas em Discos Voadores estabelecer uns tantos pontos básicos a seu respeito.

Por exemplo, a maior incidência de OANI, verificada até 1974 - pelo menos desde que se estudava com profundidade o assunto - ocorreu em outubro de 1954 (a razão pelo menos ninguém diz saber).

Eles sempre são vistos, com maior intensidade, das 18 às 19 horas e das 21 às 24 (registro mínimo, das 13 às 15 horas; absolutamente nenhum caso, das 15 às 16 horas).

Já foram avistados nos céus OANIs de até 300 metros de diâmetro (naves - mãe), mas segundo a ABECE, os tipos mais freqüentes são os de oito, quinze e trinta e cinco metros de diâmetro; quanto ao seu contorno, a maioria das descrições dão conta de que são duas bacias juntas; em forma de um chapéu de Napoleão; ovóide vertical; charuto horizontal e chapéu com tripé (caso de Pirassununga).

Quanto à descrição de seus ocupantes, o estudioso Jäder Pereira, do Rio Grande do Sul, baseando-se no relato de 333 testemunhas, assim os classificou: 95,8% de formas humanas e 4,2% de formas não humanas (à medida em que se entende por humano o padrão estético normal).

Os seres que mais se aproximaram da forma humana tinham entre 1,20 a 2 metros de altura; saíram de suas naves, uns encapuçados, outros não, outros ainda portando máscaras de respiração(?).

Os não humanos, segundo o artigo de Jader Pereira, publicado em uma revista inglesa, tinham uns, orelhas pontudas, outros a pele enrugada, outros ainda cabeça proeminente "em síntese, fugiam do padrão".

Para o Prof. Guilherme Wirz, que desde 1954 estudava os OANIs, o caso, entretanto, "mais real e fantástico" que teve a oportunidade de pesquisar - "e que, inclusive, motivou a criação do CIONI (Centro de Investigações de Objetos Não Identificados) da 4.^a Zona Aérea, sob a chefia do Brigadeiro José Vaz da Silva e da supervisão do então Major Zani" - foi ocorrido com o tratorista Toríbio Pereira, funcionário da prefeitura de Lins.

Em outubro de 1968 (algumas semanas depois da aventura de Maria Cintra), Toríbio, então com 40 anos, "um caboclo índio, forte e troncado", caminhava às 6h 25m em direção ao seu trator, encostado a alguns metros de um barranco no limite norte da cidade.

Ao subir na esteira, percebeu então do outro lado, entre o trator e o barranco, "um Karmann Ghia". E acorados no chão três pessoas pequenas, de 1,50 metros, vestidas de uma espécie de capuz comprido, que descia até os joelhos e, por baixo, uma camisa.

—Tinham rostos finos e humanos e não se diferenciavam. Eram mais iguais entre si que as minhas duas filhas gêmeas.

Do que me recordou a seguir, o Toríbio, que nas semanas seguintes chegou a perder 15 quilos, lembra-se de que ao serem pressentidos um dos homenzinhos sacou da manga de sua capa "uma espécie de mandril" (peça mecânica) e projetou contra o seu tronco, uma luz branca, que o imobilizou instantaneamente.

Em seguida, correram para o "Karmann Ghia" (Toríbio nunca se afastou dessa imagem durante todo o interrogatório),

fecharam a porta e o aparelho desapareceu com um leve zumbido.

Quando o seu caso chegou aos jornais, o tratorista Toríbio, por ordem das autoridades, foi retirado para uma fazenda. Perdeu quinze quilos e em São Paulo foi submetido a tratamento no estômago, no local atingido pela luz branca, onde dizia sentir "uma leve dorzinha".

Antes do Sol nascer em uma madrugada de agosto de 1968, Maria Cintra, 40 anos, uma enfermeira mulata e muito religiosa do hospital Clemente Ferreira, de Lins, encontrava-se em sua cama rezando o terço quando escutou o que lhe pareceu um carro estacionar no pátio.

Olhando pela janela, diz Ter visto uma mulher parada em frente ao porão do hospital, ocasião em que gritou lá de cima: "Já vou". Ao descer a escada, tentou apressar-se, imaginando tratar-se de um caso de urgência.

Conforme descreveu mais tarde para o médico Max Be-rezovski e para o então Major Zani, que, não oficialmente acompanhava o caso a pedido do Brigadeiro José Vaz da Silva, Comandante da 4.^a Zona Aérea, Maria Cintra abriu o portão e deparou-se com a mulher a mostrar-lhe "uma garrafa muito bela".

Visivelmente pedindo água ("mas não me falou nada"), a mulher foi assim descrita pela enfermeira: da mesma altura que ela, rosto fino, cabelos cobertos, sapatos pontiagudos e "usando um uniforme de aviador" (roupa colante).

Entretanto, no hospital, acompanhou Maria Cintra até o bebedouro, que encheu a garrafa e bebeu de um outro caneco que trazia. A uma observação da enfermeira - "a água daqui é muito boa" - tentou repetir a frase, mas o fazendo com um tom de voz muito gutural.

Já um pouco aterrorizada pelo procedimento da mulher, Maria Cintra contou depois que tornou a acompanhá-la até o portão, mas que ela em vez de se dirigir para o estacionamento, caminhou em direção "a um chapéu lá no gramado, a um metro do solo".

"Gritei e molhei-me toda", confessaria mais tarde enquanto observava um braço puxar a mulher para dentro do chapéu" e desaparecer.

Aos gritos da enfermeira se juntaram os de um paciente já acordado.

As investigações no local provaram duas coisas: as impressões dos pés, pontiagudos, da mulher e a grama, alterada, onde estivera o estranho objeto.

Uma Professora de Inglês, do Instituto de Cultura Inglesa, Irene Granchi, era a representante do Instituto Brasileiro de Astronáutica e Ciências Espaciais no antigo Estado da Guanabara. Ao contrário dos demais pesquisadores, em sua maioria físicos, astrônomos ou matemáticos, Irene Granchi era leiga. Seu interesse pelos Discos Voadores não partiu de uma investigação científica, mas de uma experiência pessoal ocorrida em 1947 na cidade de Vassouras, quando avistou, ao longo dos trilhos da

estrada de ferro, "um objeto brilhante, de forma circular com aproximadamente 30cm de diâmetro, cujo vôo em nada parecia com o vôo de uma ave ou de qualquer artefato produzido pela ciência humana". O objeto, segundo Irene Granchi, seria uma sonda espacial de pesquisa, como as que hoje em dia, o próprio homem envia ao espaço. A partir de então, Irene Granchi apaixonou-se pelo assunto, leu muito, entrou em contato com pesquisadores brasileiros e tornou-se correspondente de revistas científicas norte-americanas, francesas e belgas. Entre seus amigos pesquisadores internacionais destacavam-se o Doutor L. J. Lorenzen, Diretor da Organização de Inquérito sobre Fenômenos Aéreos, de Tucson, a mesma autoridade que anunciou a série de documentários que o governo liberou para a televisão dos Estados Unidos.

Os pesquisadores, afirmou Irene Granchi, não estavam mais profundamente interessados em documentos pessoais ou fotográficos ou de outra ordem que falassem da visita de naves extraterrestres. Sua existência e o fato de não pertencerem à Terra, para nós, seriam dados de uma serena certeza, comprovado por milhares de outros documentos. Mas, como pouco sabemos, continuou Irene, da verdadeira origem destas naves e seres, o que nos interessa agora é documentos sobre contatos pessoais com seus tripulantes. Toda tendência da moderna pesquisa está voltada para este objetivo.

Muito seguidamente, a reação de quem tem um contato com naves ou mesmo seres extraterrestres é uma reação de pânico, ou de agressão. Não seria esta uma atitude inerente ao ser humano, espécie de reacionarismo a tudo que é novo, outro, es-

tranho? Irene Granchi é de opinião que, pensar assim, é ser muito rigoroso com o homem:

—Galileu, Einstein... A humanidade sempre esteve, e está, pronta a novas descobertas, seja no mundo exterior, seja no mundo interior. Além disso, é sabido que os Discos emitem uma força, uma energia, talvez magnética que possui um efeito "paralisante" cujas conseqüências são imprevisíveis para o ser humano. Diante disso, não é de estranhar que as pessoas fiquem chocadas.

O Brasil, segundo Irene Granchi, é um país bastante visitado pelos extraterrestres. A região de seu maior interesse é Minas Gerais, pela situação geológica. Este é um dos estudos que os cientistas estão fazendo: comparar todas as regiões e locais mais visitados para descobrir as possíveis semelhanças que existam entre elas. A resposta a essa questão, talvez dê uma pista, pelo menos sobre as condições técnicas das naves utilizadas, que aterrizaram melhor em determinado tipo de terreno. Além do Brasil, a Argentina também é um país bastante visitado. Mas o que recebe visitas mais freqüentes no hemisfério, são os Estados Unidos. Em seguida vem o Canadá e a União Soviética. Nos países asiáticos, apenas o Japão se destaca como bastante visitado.

Segundo Irene Granchi, a maior dificuldade para o pesquisador é a coleta de dados. Normalmente, quando o pesquisador especializado chega ao local, curiosos já manuseiam objetos que poderiam ter marcas residuais, a história da testemunha já foi adulterada, contada, e recontada, o fato virou sensação, testemunhas fantasiosas também se apresentam. É por isso que, mais do que o fato em si, o que preocupa o pesquisador são os

detalhes da narrativa. Os detalhes, diz Irene, são muito difíceis de fantasiar. Quem não estiver dizendo a verdade vai se perder em algum detalhe. Se bem que, ela mesma assegura, nunca se pode ter certeza da falta de veracidade de uma narrativa, por mais fantasiosa que ela se apresente. Certa vez, Irene foi chamada ao Estado do Rio para pesquisar um fato, um contato com uma nave havido com uma única pessoa, por sinal o sujeito mais fanfarrão da localidade. Por se tratar de uma pessoa brincalhona, fantasista, ninguém lhe deu atenção e a própria pesquisadora arquivou as informações, sem divulgar o fato. Mas quem pode garantir, e por que motivo um Disco poderia aparecer a um fanfarrão?

Dado bom de pesquisa é aquele que se baseia em vestígios deixados sobre a terra, árvores ou objetos. Por isso, os pesquisadores aconselham: se alguém avistar uma nave em pouso e, ela tiver "queimado" a grama sobre a qual pousou, por exemplo, a atitude correta é tomar dois sacos plásticos e, num deles, colocar um pouco de grama ou da terra queimada. No outro, um pouco da terra ou grama que esteja na parte exterior do círculo queimado (até hoje as marcas de pouso são sempre circulares).

Uma ciência, a Ufologia, estudada em várias universidades norte-americanas, está em pleno desenvolvimento. Por enquanto, entre nós, ela é apenas uma atividade paralela, o que muito dificulta o trabalho de nossos especialistas, que precisam, se dedicar a outras tarefas para poderem sobreviver. Mas quem poderá garantir que, em pouco, a Ufologia estará em pleno crescimento entre nós? Fantasia? Imaginação? O que é que, até hoje, na ciência, não partiu da fantasia, da imaginação, do pensamen-

to? A Terra é redonda, e se move, é uma afirmação que modificou toda a visão do mundo. Quem acreditaria, há 1.000 anos, que o homem iria à Lua? Só mesmo os "loucos", os fantasistas e os cientistas...

(Eloi Calage - Agência Inform)

VIII

Na noite de 20 de junho de 1974, mais de mil pessoas acompanharam nos céus de São Paulo os movimentos de misteriosos objetos luminosos.

A "coisa" ora movendo-se a grande velocidade, ora parando a baixa altura, foi descrita como "arredondada" e "luminosa" por todas as pessoas que a viram. E entre elas havia médicos, engenheiros, um piloto particular... E mais de cem policiais, que comunicaram as estranhas evoluções pelos rádios de 35 viaturas. Os depoimentos gravados dessas testemunhas coincidiram em todos os pontos principais, e as autoridades se encontraram diante de uma pergunta que era necessário responder: que misterioso fenômeno era aquele?

Acontece que, mais de três meses depois, todas as explicações propostas ainda não conseguiam convencer ninguém inteiramente. Segundo um porta-voz da Força Aérea Brasileira, a luminosidade vista no céu seria a de gases queimados da refinaria de Capuava. Para o diretor do Planetário de São Paulo, Prof. Aristóteles Orsini, todo mundo teria assistido apenas a um fenômeno óptico conhecido por "espelhismo". E conforme o técnico Luís Alberto Vieira Dias, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, as centenas de olhos paulistanos teriam visto apenas, "um fenômeno natural". É bem verdade que a existência do radar do aeroporto de Congonhas poderia ajudar muito na solução do enigma, mas - por mais incrível que possa parecer - ele permaneceu completamente desligado durante as duas horas em que o fenômeno aconteceu.

Tudo apurado do episódio, uma coisa porém ficou fora de dúvida: algo de bem real andou brilhando nos céus de São Paulo, naquela noite, pois a luminosidade chegou a ser fotografada, e a impressão na película dos filmes desmente qualquer hipótese de histeria coletiva. O que era esse "algo" talvez nunca venhamos a saber: ele se transformará em mais um caso na imensa lista de fenômenos observados por milhares e milhares de pessoas, desde o século passado, nos céus de todo o mundo. E, embora tudo acabe parecendo uma repetição dos fatos narrados por H. G. Wells em seu livro "A Guerra dos Mundos", muita gente continua a acreditar, firmemente, que tais fenômenos referem-se a coisas mais concretas do que os marcianos criados pela fértil imaginação do escritor inglês.

Pessoalmente, dizia Roberto Pereira - jornalista da Revista Nova - eu me enquadro na legião de curiosos que desejam apenas conhecer a verdade. Nunca vi um dos chamados "Discos Voadores", embora conheça gente séria que já os viu. Nunca me filiei a qualquer das organizações particulares que estudam o assunto, mas sei que existem outros grupos de estudos, bem dotados funcionando em vários países sob a chancela da Segurança Nacional. Prefiro, continua, pensar como os espanhóis: "Yo no creo en brujas, pero que las hai, las hai..."

Como explicar, por exemplo, o caso do vigia Almiro Martins de Freitas, guarda da Usina Hidrelétrica do Funil, temporariamente cego e paralisado por um misterioso objeto, em dezembro de 1970? Segundo seu testemunho, e a observação de outras pessoas, um Disco Voador sobrevoou a represa pela madrugada e, poucos minutos depois, o guarda foi encontrado de-

sacordado e queimado sobre o paredão da represa. Ao recobrar os sentidos, declarou ter sido atingido por um "jato fortíssimo de luz e calor, lançado por um Disco Voador".

A explicação oficial de que o guarda Almiro fora atingido por um raio foi desmentida pelo exame dos registros da usina: o controle da eletricidade estática não revelava nenhuma sobrecarga... e ninguém viu relâmpago algum. Levado para o hospital da Cruz Vermelha, e posto sob observação em isolamento médico, o vigia acabou recuperando a visão, mas ninguém teve condições de explicar o que realmente aconteceu com ele.

Dois anos antes desse episódio inexplicado, os especialistas da Central de Investigações de Objetos Aéreos Não Identificados (a CIOANI, órgão oficial criado em 1968, e subordinado ao Comando da IV Zona Aérea de São Paulo) já haviam tomado conhecimento de outro caso igualmente intrigante. Exatamente às 4h 30m da madrugada de 24 de agosto de 1968, Dona Maria Cintra, enfermeira residente do Hospital Clemente Ferreira, da cidade paulista de Lins, ouviu na parte exterior do prédio alguma coisa completamente fora de sua rotina: era o ruído de como que uma freada de carro, bem embaixo da janela de seu quarto. O hospital ficava exatamente a 5 quilômetros do centro da cidade em local bastante silencioso, e Dona Maria Cintra estava acordada, de plantão.

Abrindo então a janela para verificar o que se passava, a enfermeira deu com uma mulher parada embaixo. Perguntou o que desejava, mas, como não obteve resposta, vestiu uma capa e desceu para atendê-la. Ao chegar diante da mulher - que vestia uma roupa estranha - Dona Maria perguntou-lhe novamente o

que desejava. Então, a mulher estranha, após uma série de palavras incompreensíveis, apontou para uma garrafinha de vidro toda trabalhada. Imaginando que se tratava de alguma turista estrangeira que desejava água, a enfermeira levou-a até o bebedouro existente na portaria do hospital. Após encher a garrafinha da desconhecida (que bebeu ela própria um pouco de água, dando sinais de satisfação), acompanhou-a até a parte de fora do prédio. A mulher, repetindo várias vezes, a palavra "empavra", e batendo-lhe amigavelmente nas costas, ficou um momento observando os carros dos médicos de plantão e do administrador. Depois, com um aceno, caminhou junto ao jardim onde, pela primeira vez, a assustada enfermeira viu um objeto escuro "parecido com uma pêra enorme", com uma ponta ou tampa aberta do lado. A mulher entrou ajudada por outra pessoa que a aguardava à bordo do veículo. Logo o aparelho levantou vôo com um ruído de freios patinando e desapareceu completamente na noite de Lins.

Só então, percebendo a extensão do mistério, Dona Maria, chorando e gritando, acordou o médico de plantão e diretor, que a princípio não quis acreditar em sua história. Logo depois, ao examinar o local apontado pela enfermeira, o médico viu as três marcas deixadas pelo aparelho no chão, e as pegadas da mulher na terra úmida. O diretor do hospital interditou a área e comunicou o fato às autoridades da FAB, que vieram examinar o local da descida do objeto misterioso - mas nunca revelaram nada sobre as suas conclusões. Quanto ao diretor, Dr. Alberto Prata - que declarou ser "Dona Mariquinha" pessoa de toda a confiança - mandou submeter a enfermeira a exame psicológico, ape-

sar de saber que ela não era dada a leituras e nunca inventara histórias antes. Resultado do exame: Dona Maria Cintra era absolutamente normal, mas apresentou sintomas de ter sido "abalada por alguma experiência terrível..."

O Comandante do 5.º Distrito Naval de Florianópolis - SC, em junho de 1974, distribuía nota à imprensa esclarecendo que "são inverídicas as afirmações de que Capitania dos Portos, em Itajaí, tenha participado de qualquer investigação sobre a queda, no mar, de objeto não identificado, bem como a notícia de que as autoridades navais estejam preocupadas com o estranho acontecimento narrado por pescadores". Segundo a notícia divulgada na 2.ª semana do mês de agosto de 1974, pescadores da praia de São Miguel, distante 15 quilômetros de Florianópolis, teriam visto um disco voador cair no mar, no mês anterior. Acrescentava a nota do 5.º Distrito Naval, assinada pelo Capitão de Corveta Paulo Sérgio dos Santos, assistente do comando, que dia 13 de junho, cumprindo planejamento, homens-rã da Marinha, apoiados por helicópteros da Força Aeronaval, operaram nas proximidades de Porto Belo e Itajaí, para levantar subsídios sobre as praias catarinenses com vistas a exercícios de desembarque de fuzileiros navais nos meses subsequentes.

(Folha da Tarde - 17/07/1974)

No dia 27 de julho de 1974, o Ministério da Aeronáutica informava que se dependesse da Força Aérea Brasileira, "o mistério existente em torno da possível queda de um Disco Voador em Santa Catarina continuaria, pois não poderiam se dar ao luxo de gastar combustível para procurar todos os objetos voadores não identificados que eram vistos constantemente no Brasil". A declaração foi prestada devido a notícias precedentes da localidade catarinense de São Miguel, segundo as quais "pescadores viram um objeto metálico cair ao mar, no dia 13 de julho de 1974." Contudo, apesar da solicitação de pescadores da zona, o Ministério da Aeronáutica não cogitou providenciar nenhum vôo sobre a região. Por outro lado, no Ministério da Marinha, oficiais do Gabinete do então Ministro Azevedo Henning, informaram que, até o final daquela semana, aquela arma deveria liberar um documento com os trabalhos que estavam sendo realizados pelo Instituto Naval no sentido de descobrir o "Disco Voador".

(Folha da Tarde - São Paulo - pág.2 - 24/07/1974)

Um Disco Voador desceu na primeira semana de agosto de 1974, na fazenda do Recanto, município de Moselândia, pequena cidade distante 400 quilômetros de Goiás. O fotógrafo Soichi Tokay, do jornal Notícias Populares que se encontrava a poucos quilômetros da fazenda, ao saber do fato, rumou imediatamente para o local, "levado pela curiosidade e também pelo espírito profissional", segundo ele próprio afirmou.

E durante um dia inteiro ficou em contato com diversos moradores da fazenda e redondezas, colhendo completo relató-

rio sobre as atividades dos Discos Voadores naquela região. Tokay conversou inclusive com fazendeiros e pessoas de nível universitário, todas declarando que realmente as aparições de objetos estranhos têm sido freqüentes, em algumas horas do dia,

Das várias histórias ouvidas, Tokay gravou uma, que achou bastante interessante e verídica. Aconteceu com o jovem Péricles Roberto de Lima, de 25 anos, filho do abastado fazendeiro Lázaro Roberto de Lima, proprietário de longa extensão de terras na região.

O sol tinha se escondido e no céu apontavam as primeiras estrelas. O silêncio da noite começava a tomar conta do lugar e os peões recolhiam-se às suas casas, cansados após o fatigado dia de trabalho.

O gado já não se movimentava, preferindo deitar-se na relva e esperar a manhã do dia seguinte, ruminando incessantemente. Os cães também não latiam mais, e Péricles, terminando de jantar, resolveu respirar o ar puro lá fora.

Sentou-se na varanda daquela que era a sede da fazenda. Ficou quieto por alguns minutos, até que alguma coisa trouxe-o de volta à realidade.

Péricles ficou abismado quando tudo clareou na fazenda.

—Parecia que tinha amanhecido repentinamente. Fiquei assustado vendo todo aquele clarão ofuscar a região.

Péricles firmou a vista no clarão. Seus olhos ardiam mas ele queria ver o que estava acontecendo. E descobriu a origem do estranho clarão, como se fosse uma "lanterna azulada", em algum ponto da mata.

—Ficou tudo claro, aliás, azulado. Pensei que fosse algum avião, que estivesse caindo, após ter se incendiado.

Porém, Péricles, cada vez mais curioso, notou que dificilmente poderia ser um avião.

—Se fosse, teria explodido ou coisa semelhante. Mas pelo contrário, o silêncio continuava cada vez maior, embora os estranhos fachos de luz continuassem sendo irradiados por toda a mata. Depois, aos poucos meus olhos foram se acostumando e somente então pude divisar o estranho objeto responsável pela claridade.

Para Péricles, o "estranho objeto" era simplesmente o Disco Voador que rondava a região há muitos dias. Mas ele conta mais: durante minutos, o Disco Voador permaneceu imóvel naquela posição, sobre a copa das árvores. "Estava distante da fazenda pouco mais de quinhentos metros, por isso deu para enxergar direito, embora a luz atrapalhasse minha visão."

O que aconteceu depois? Foi o próprio Péricles quem contou ao fotógrafo Tokay: —"a coisa parecia um relâmpago. Em incrível velocidade, maior que qualquer avião do mundo, desapareceu".

Segundo Péricles, ele ficou bastante impressionado com aquilo. E depois percebeu que vários outros empregados da fazenda também tinham visto o mesmo.

Temerosos, se recolheram esperando o dia seguinte para irem até onde o Disco tinha aterrissado.

Tokay esteve no local. E foi ele quem descreveu o que viu:

—Parecia que uma pesada jamanta tinha sido jogada no local. Grossas árvores estavam quebradas, o mato rasteiro todo amassado como se tivesse sido socado por pesadas máquinas. O terreno estava completamente devastado. Coisa impressionante. E poucos metros, dentro da mata, nada indicava que alguma coisa tivesse feito tal estrago. O redor do local continuava intacto e nenhuma folha sequer estava arrancada de seu lugar.

Nenhum material foi encontrado nem por Péricles e seus empregados, nem por Tokay, que interrompeu sua pescaria naqueles dias, para ficar pesquisando o estranho acontecimento.

Um lavrador que morava na região há trinta anos, lhe disse num tom de indiferença:

—Olha moço, antigamente a gente ficava assustado com esses tais Discos Voadores. Hoje, estamos mais acostumados. Eles aparecem principalmente à noite, numa bola de luz. Mas de vez em quando dá pra ver os "pratos grandes voando".

Tokay descobriu ainda que a região, habitada na sua maioria por empregados das fazendas espalhadas ao redor de Moselândia, vinha sendo frequentemente "iluminada" pelos Discos Voadores, mas até então nenhum ser extraterrestre descera para conversar com os habitantes.

O pessoal de Moselândia estava confuso; ficava sabendo através de jornais e rádios, notícias de que os Discos Voadores existiam realmente, e, segundo cientistas estudiosos dos OVNI's (Objetos Voadores Não Identificados) vez por outra entravam em contato com os terrestres, através do aparelho tradutor de idiomas.

—Sei não. Mas tenho muito medo que eles um dia resolvessem descer aqui na sede para conversar com a gente. Será que eles vão me matar, ou fazer algum mal para o pessoal da fazenda?

Estes e outros eram os comentários dos habitantes da região, que naquela época esqueceram de falar sobre futebol, a falta de chuvas para a lavoura e as músicas sertanejas que estavam nas paradas, para falar apenas sobre os Discos Voadores, assunto daquele momento. Eles temiam por suas vidas, pois não sabiam como seriam os seres interplanetários.

—Mas qualquer dia desses, tenho certeza que eles vão descer. Aí, a gente vai ficar sabendo como é o pessoal dos Discos.

(Notícias Populares - 09/08/1974)

Caetano Sérgio Santos, de 27 anos, vigia noturno da Hdrelétrica de Caconde, não teve propriamente uma experiência direta com um OANI ou seus tripulantes. Às 5 horas do dia 17 de maio de 1968 ele voltava do serviço quando notou em frente ao seu casebre um estranho objeto brilhante.

Temeroso de que fosse uma bomba, Caetano contou que inicialmente examinou o objeto de longe mas, ao perceber que não havia relógio, tentou pegá-lo com uma das mãos, não o conseguindo.

Ao levatá-lo com as duas mãos, verificou que era parecido com uma lata de conservas medindo 17 por 16 centímetros. E apesar de o cilindro parecer de aço inoxidável (vidro metali-

zado, se supôs depois) e a tampa e o fundo serem de vidro, faziam uma junção tão perfeita que não descobriu a menor fenda, a menor intercepção.

Descobriu ainda que na tampa havia um ponteiro preto e no fundo um vermelho. E ambos os ponteiros no zero, de uma numeração até seis, "acho que em dois alfabetos: um me pareceu árabe e outro não consegui adivinhar o que era".

Sem mais pensar no caso, Caetano disse que guardou o objeto na separação entre a cozinha e o banheiro de sua casa sem forro e foi dormir.

À meia-noite, ao pretender verificar como ia sua mulher - à espera do terceiro filho - notou em frente ao seu casebre os vizinhos excitados, a mulher e os outros dois filhos chorando e um buraco no telhado.

Segundo a esposa lhe contou, por volta da meia-noite ela havia sido despertada por um zumbido e uma luz muito forte vinda da cozinha, ao mesmo tempo em que o calor aumentava. Pensando ser um incêndio, pegou nas duas crianças e começou a pedir socorro. Então nesse momento, o telhado se rompeu e o objeto guardado pelo marido passou pela brecha, desaparecendo nos céus e na noite.

(Correio Popular - 15/09/1974)

IX

Se Toríbio Pereira e Maria Cintra jamais se recuperaram de suas experiências, aos 19 anos de Tiago Santos, ao contrário, foram a principal causa de seu contato - conquanto doloroso - com três tripulantes de um OANI, nas cercanias de Piraçununga.

Vendedor de frutas - depois motorista da Santa Casa de Santo André - Tiago, em fevereiro de 1969, morava perto do Instituto de Zootécnica, onde, às 6h 50m de uma certa manhã, foi chamado por sua vizinha, Dona Maria, para observar pelo binóculo "um estranho pára-quedas do outro lado do vale" (em Piraçununga funciona uma Escola de Cadetes da Aeronáutica).

Já então muitos vizinhos se encontravam reunidos, tendo sido Tiago o único a propor - e a ir - verificar pessoalmente o que se passava do outro lado. Ao passar em frente ao Instituto de Zootécnica, combinou com o porteiro Sr. Hans (alemão) tomar cada qual um atalho até onde se achava o "pára-quedas".

Tiago tomou o rumo de uma cachoeira e ao se aproximar, contou depois ter visto "um Disco Voador sobre um tripé". Nisso, a portinhola se abriu e dois seres, de escafandro, passaram a flutuar em sua direção.

Enquanto lentamente se aproximavam, Tiago, que estava fumando, "nervoso, é verdade, mas não com medo", soltou uma baforada maior, momento em que lhe pareceu ter escutado, de dentro do escafandro, "uma espécie de gargalhada", ao mesmo tempo em que um tubo saía do capacete.

Nesse instante, Hans, que observava do outro lado, pôs-se a berrar. Ao ouvir os gritos, os dois tripulantes flutuaram no-

vamente em direção à portinhola, quando um deles, pegando de um aparelho, descarregou na coxa de Tiago "uma chama azul, mas não contínua".

Caindo no chão, o vendedor de frutas percebeu ainda o objeto afastar-se, enquanto, com a ajuda do companheiro, era levado de volta para casa. Naquele dia, perdeu o apetite e bebeu quatro litros de água, ficando com a coxa inchada, "de um inchaço especial", durante várias horas.

(Correio Popular - 15/09/1974)

Os médicos de plantão do Pronto Socorro Municipal de Belém, de início, acharam que os ferimentos que o lavrador José Uchoa apresentava pelo corpo, resultavam apenas de mais um caso de atropelamento. Mas quando ele começou a contar que os ferimentos foram causados "pela imperícia dos pilotos de um Disco Voador, que teriam errado a rota" os médicos não souberam mais o que dizer.

José Uchoa, que morava nas proximidades da rodovia Belém - Brasília, à altura do quilômetro 48, disse que estava em sua casa uma noite, quando apareceram dois homens com trajes esquisitos: uma farda avermelhada e luminosa...

Eles perguntavam se eu estava interessado em ver um Disco Voador. Eu fiquei sem saber o que fazer, mas acabei aceitando.

"Os homens pediram que no dia seguinte eu caminhasse pela estrada a uma determinada hora".

De acordo com o que havia sido combinado, José Uchoa começou a caminhar pela Belém - Brasília no dia e hora marcados, mas acabou sendo atropelado.

"Só pode ter havido um erro de cálculo quando esses homens esquisitos tentaram baixar na estrada", disse ele, procurando uma justificativa para o malogro da operação. E continuou:

"Foi exatamente nessa ocasião que eu vi um holofote bem na minha frente e, depois aquele violento baque no meu corpo que me jogou para o lado da estrada. Depois eles foram embora, com medo de ter acontecido alguma coisa e eu ir me queixar à polícia".

O lavrador foi encontrado à margem da estrada, sem sentidos e com vários ferimentos pelo corpo. Como o seu estado era grave, foi transportado para Belém. Para os médicos, o "baque forte" que José sentiu foi realmente um atropelamento..., mas por um automóvel, e uma forte pancada na cabeça teria afetado seu cérebro.

Mas José Uchoa continuou insistindo na sua história fantástica e apenas lamentou a imperícia dos seres estranhos que afinal acabou impedindo-o de visitar um Disco Voador.

(Correio Popular 05-07-1974)

Um mês após a queda de um objeto metálico na prainha de São Vicente, o mistério continuava igual ao do primeiro dia. Os mergulhadores que planejavam procurar o aparelho desistiram. Eles, ante a negativa dos pescadores em apontar o lugar

onde viram cair o objeto, resolveram adiar a procura. Enquanto isso, iriam fazer novos planos, já que os pescadores estavam cada vez mais assustados e diziam, que só fariam declarações à Marinha, conforme decidiram após uma visita feita à Capitania dos Portos.

Na prainha de São Miguel o movimento de curiosos aumentou bastante. Iracema Becker, dona do único hotel do lugar disse que o movimento era idêntico ao do período de verão. Contou que muitos veículos de outros estados chegavam lá todos os dias, inclusive da Argentina.

No Pontão da Praia, lugar onde se tinha maior visibilidade, muitas pessoas olhavam para o mar numa inútil esperança de entender o segredo do objeto que estava no fundo do mar. Eram comentadas as teorias que cada um encontrava para o estranho caso. Os pescadores que viram a queda do aparelho, ficaram fora de casa durante o dia inteiro para evitar contatos com pessoas estranhas, decisão tomada depois que a Marinha se interessou pelo caso.

O bancário aposentado Raul Barbosa estava na praia desde que ficou sabendo da história dos Discos Voadores. Ele acreditava na possibilidade de ser uma nave espacial. Citou como exemplo do que dizia ser uma pesquisa feita havia dois anos. Contou que russos realizaram estudos e descobriram que o cinturão de Van Hallen, cuja altura normal era de 3.300 metros, em Itajaí tinha apenas 300. Ele estranhava também a recente decisão da Força Aérea Brasileira em construir uma base de lançamentos de foguetes na região. Raul achava tudo muito estranho e admitia a possibilidade de espionagem interplanetária.

(Folha da Tarde 16-07-1974)

O piloto de um "pires voador" aterrou no estado de São Paulo e falou com um camponês que pescava tranqüilamente na margem do Rio Paraíba, segundo relato na primeira página de "O Jornal do Brasil".

O visitante do espaço, com uma estatura de 70 cm, olhos estranhamente brilhantes, falou em português com João do Rio a quem autorizou relatar o diálogo.

Antes de subir para bordo do "pires", o espantoso personagem entregou ao camponês um pedaço de metal desconhecido na Terra com o fim, disse, de convencer os cétricos.

Embora João do Rio seja considerado na sua aldeia como um homem muito sério, o laboratório de uma Companhia próxima está a examinar o curioso "cartão de visitas".

(Folha do Porto - Portugal - 15/08/1965)

—Somente depois que li algum noticiário em jornais de pessoas que provaram ter visto "Discos Voadores", ou objetos inexistentes aqui na Terra, foi que me decidi a revelar o que me aconteceu às 23 horas do dia 5 de julho de 1975, diante de outras cinco pessoas.

Assim, o motorista Isac Garcez, funcionário de uma empresa de ônibus que fazia a linha Santos - São Paulo, iniciou seu relato do que lhe aconteceu naquela noite:

O motorista relatou que o ônibus de prefixo 10-64, com o qual ele trabalhava desde às 6 horas, subia morosamente a Serra do Mar, no sentido Santos - São Paulo. Na altura do quilômetro 44, local denominado curva da Onça, sentiu uma forte clareza que vinha do céu:

—Imediatamente o motor do ônibus parou e percebi que um piso muito grande estava no teto. Olhei e vi que duas abas apareciam em cima do carro, muito brilhantes. Depois de alguns segundos, eu e os únicos cinco passageiros ficamos apavorados. Não houve sequer ruído e o aparelho, de forma oval, decolou da capota do ônibus e partiu, vagarosamente na horizontal.

Ele continuou muito nervoso, dizendo de sua experiência:

—Sem que eu acionasse a ignição, o motor do ônibus voltou a funcionar e eu segui caminho, ainda muito assustado com o que via à minha frente. Precisamente no quilômetro 46 - dois quilômetros depois que o aparelho surgiu - ele desapareceu, provocando um verdadeiro vendaval. Talvez pela luz que emitia, tive que parar o ônibus porque meus olhos não se adaptavam mais à "escuridão" dos faróis.

Disse ainda Isac, que era casado e estava com 48 anos de idade e que residia à Rua 11, N.º 15, no bairro do Rio Pequeno: "depois de 10 minutos parado, meus olhos e os dos passageiros conseguiram uma readaptação à luz comum".

Isac, que desde as 10 horas da manhã havia feito três viagens a Santos (ida e volta), resolveu elaborar um aviso de sinistro à empresa que trabalhava, apanhando apenas - como exigia o

documento - três nomes dos cinco passageiros, para testemunhas.

—Quis fazer o "aviso" porque achei conveniente, apesar de nada de anormal ter acontecido com o veículo. Afinal, completa, se depois de alguns dias ele tiver alguma falha mecânica ou mesmo danos na funilaria, não serei responsabilizado.

No documento apresentado pelo motorista, constam os nomes de Manoel Salgado, que ocupava a poltrona número 7; Moacyr dos Santos, que também estava sozinho na poltrona 19 e Aluizio Gomes, da poltrona número 1.

O motorista concluiu dizendo que trabalhava há dois anos naquela empresa e era considerado um "ótimo funcionário". Este foi o primeiro aviso de sinistro que teve que comunicar e nunca sofrera qualquer acidente. Há 18 anos era habilitado.

(Notícias Populares - 08/07/1975)

Enquanto ninguém explicava o caso do estranho transporte do Professor Antônio Rouik de Campinas para a cidade de Vilhena em Rondônia, o jornalista e presidente da Associação dos Amadores de Astronomia e Astronáutica de Campinas, Cãtaldo Bove, ilustrava sua opinião de que o Professor teria sido transportado por Disco Voador. Depois, ele voltava a dizer que o seqüestro idêntico ao do Professor, aconteceu em Colatina, no estado do Espírito Santo, em 1974.

"O caso foi publicado pela revista "Veja". Numa madrugada do mês de maio de 1974, o fazendeiro César Menelli ouviu gritos no alto de um morro perto de sua casa."

"De manhã apareceu um homem, sujo de lama e marcado de espinhos, no curral da fazenda, a cinco quilômetros de Colatina. Era Onilson Pátero, um vendedor de livros, de 37 anos de idade, contando a história do seu segundo encontro com os Discos Voadores em poucos meses".

O fazendeiro, segundo Cataldo, descreveu assim a história:

"Notei que ele estava muito nervoso e com os olhos a dizer que havia chorado muito.

Imaginei o que o homem teria ido fazer lá no alto da serra, um lugar de difícil acesso, cheio de despenhadeiros e espinhos, que até os animais evitavam".

O próprio Pátero, entretanto, é quem conta, ainda de acordo com Cataldo:

"Eu não devia estar naquele local, naquele momento. Eu devia estar em minha casa, em Catanduva, a quase 700 quilômetros de distância".

Ao delegado de Colatina, teria dito Pátero:

"Eu estava voltando para casa quando, entre as cidades de Marília e Guarantã, o motor do meu Opala começou a falhar. Desci do carro e percebi uma luz tão forte que cheguei a ver através da lataria.

De repente senti que uma espécie de lâmina me carregava para dentro de uma astronave".

Cataldo Bove falou das investidas dos Discos Voadores contra o vendedor de livros. "Na primeira vez o homem conseguiu se esquivar, apesar dos instrumentos dos visitantes siderais; perseguido pela luminosidade, emitida por um Disco cinzento

com a forma de dois chapéus juntos, Pátero conseguiu fugir à pé. Como prova do estranho encontro, ele exibiu durante algum tempo enigmáticas manchas verdes espalhadas por seu corpo. Os visitantes do estranho objeto conseguiram finalmente apanhar o vendedor de livros. E mais tarde, ele foi deixado sobre o morro da fazenda de Menelli: passou seis dias no Disco submetido a incontáveis exames físicos e de laboratórios por seres descritos como iguais à nós com roupas características de astronautas, que falavam português. E demonstravam grande preocupação pela superpopulação em seu distante e não identificado planeta. Desta vez ele disse que foi bem tratado e os seqüestradores espaciais não lhe deixaram nenhuma marca no corpo. Mas demonstraram que em seu planeta não se cultivam as mais elementares formas de cavalheirismo".

"Este caso demonstra que os nossos visitantes também transportam outros indivíduos, no caso o Professor Antonio Roiuk que foi parar em Vilhena. Enquanto não provarem que de alguma forma ele foi transportado, estou com Flávio Pereira que no programa "Fantástico", que vai ao ar aos domingos, pela Rede Globo, disse ser um caso insólito. Como poderia o Professor se transportar assim como ninguém testemunhou, onde ninguém se locomove sem CIC, a Carteira de Eleitor, Passaporte etc.?

Aceitemos os fatos até que prove que tudo foi uma farsa, bem engendrada".

(Jornal Diário do Povo - 03/12/1975)

As circunstâncias inexplicáveis que envolveram o desaparecimento do Professor Antonio Roiuk foram estudadas pela A . P. Ex. (Associação de Pesquisas Exológicas) de São Paulo, que visou saber o grau de confiabilidade do fato e, ao mesmo tempo, facilitar a pesquisa por órgãos interessados. Essa solicitação dos estudos foi feita pelo jornal tablóide "National Inquirer", de quatro milhões e meio de tiragem e localizado na Flórida, nos Estados Unidos.

Dois jornalistas desse semanário estiveram na redação do jornal Diário do Povo, de Campinas, para tomar os primeiros contatos com o caso do professor, acompanhados do médico Max Berezovsk, presidente da A . P. Ex. , Luiz Braga, Vice-presidente, professor Guilherme Wirz, consultor, e da pesquisadora brasileira, conhecida internacionalmente por seus trabalhos na área parapsicológica, Elsie Dubugras, de São Paulo.

Quando se constatava estranheza evidente em determinado fato, ele era registrado e passava a integrar os arquivos nacionais e internacionais, onde já existiam 45.000 casos.

O professor Guilherme Wirz, consultor da Associação de Pesquisas Exológicas, disse do objeto das pesquisas em torno do desaparecimento do professor Antônio Roiuk.

—Queremos analisar, em termos mais profundos, o caso. Queremos averiguar o grau de confiabilidade e estranheza. A confiabilidade pode ser dividida de 1 a 10. Um fato até cinco graus de confiabilidade não se constitui em nenhuma novidade e a praça está cheia deles. Diferente é um caso de confiabilidade 9, por exemplo. Esse merece análise séria. De acordo com o que

revelar o caso Roiuk, ele poderá passar a constar dos arquivos nacionais e internacionais.

Entretanto, se o caso nada revelar de interessante simplesmente deixará de merecer nossa preocupação. Contudo, sério ou não, o fato será publicado pelo Jornal Norte-Americano "National Enquirer".

(Jornal Diário do Povo - Dez. 1975)

Dois importantes detalhes foram revelados no dia 25 de novembro de 1975 a respeito do Prof. Antônio Roiuk e seu estranho aparecimento em Vilhena, Rondônia. O primeiro deles é que seu corpo estava completamente paralisado ao ser encontrado numa rua daquela localidade. Esse fato, bastante estranho, contado pela sua esposa Maria Celeste.

Outra revelação, não menos estranha, foi feita pelo piloto Veiga, que trouxe Roiuk de volta à Campinas: o avião que ele pilotava estava cheirando enxofre na volta, fato que não ocorreu na ida.

Os médicos Nubor Facure e Roberto Moreira, que deram assistência ao professor Roiuk, disseram que seu estado de saúde era bom, que tudo estava bem, ao mesmo tempo em que informavam que ele tinha se submetido a um eletroencefalograma. Nos exames feitos, nada foi acusado de anormal.

"Agora ele irá fazer exames de sangue, e vai tirar uma chapa do crânio, aí, nós médicos poderemos dar maiores detalhes. Pelos exames já feitos, tudo está normal", afirmou na ocasião o Dr. Nubor.

Continuando, disse que no dia 25 de novembro de 1975, conversou com o professor durante três horas e que ele não conseguiu se lembrar de nada do que aconteceu antes de aparecer em Vilhena. Só se lembrou que teve uma forte dor de cabeça, deitou na direção do carro e só foi acordar na Segunda-feira, dia 17 de novembro, em Rondônia.

O Dr. Nubor disse ainda acreditar que tudo o que Rouik afirmou era verdade, pois nas três horas em que conversou com ele, poderia ter caído em contradição. Mas, pelo contrário, ele sempre falava com firmeza as coisas que lembrava antes de aparecer em Vilhena.

Disse ainda o médico que foi uma coisa muito estranha o que ocorreu com ele. "Vamos esperar que ele venha a se lembrar do que aconteceu. Ele tem que repousar bastante e fará ainda outros exames", completou na ocasião.

Eram precisamente 18h 30m quando o Prof. Roiuk saiu do consultório do Dr. Nubor Facure. Apoiando em seu sogro Antunes e na esposa Maria Celeste, entraram numa Belina vermelha, dirigida pelo Sr. Antunes e tomaram rumo ignorado. Logo que entrou no veículo, o Prof. Antônio Roiuk deitou-se no banco traseiro dando mostras de que estava bastante cansado.

Maria Celeste, falando aos repórteres, pediu desculpas por não poder falar muito sobre seu marido. Disse que Roiuk tinha ordens do médico para não falar com ninguém a não ser da família, e que, a única preocupação sua era quanto ao seu estado de saúde.

O misterioso aparecimento do professor Roiuk em Vilhena, Rondônia, repercutiu em âmbito nacional.

João Leite Neto e Edgar Cavalheiro, repórteres da Rede Globo de Televisão, incumbidos de fazerem reportagem para o programa "Fantástico", afirmaram que o caso era bastante estranho, e que já haviam tentado de todas as formas, explicações para o caso, sem êxito.

"Eu nunca vi coisa igual", afirmou Leite Neto. "Está tudo bem confuso, ninguém sabe explicar nada, somente o professor poderá contar quando ele se lembrar. Até lá, vamos ter que esperar, se é que vai se lembrar de alguma coisa".

(Jornal Diário do Povo - 27/11/1975)

X

Um objeto com formato de um prato, com muitas lizes, foi visto por diversas pessoas em vários subúrbios de Campinas, principalmente na Vila Nova, Taquaral, Vila 31 de Março e estrada de Paulínia. "O objeto tinha luzes fortíssimas e uma velocidade espantosa", explicaram as testemunhas.

Algumas chegaram a informar o fato no Primeiro Distrito Policial, o que, no início, foi interpretado como brincadeira.

O objeto sobrevoou Campinas, conforme os informantes, apareceu em horários diferentes e, em alguns locais, deixou a população apavorada, principalmente uma mulher, que o viu sobre sua casa.

(04 de dezembro de 1975)

Um objeto estranho, não identificado, em forma de disco, com luzes fortes e uma ponta em forma de bico, foi visto por moradores no bairro Taquaral, Vila Costa e Silva e Vila Nova por volta da meia-noite do dia 2 de dezembro de 1975, às 6 horas, ao meio dia e às 13 horas do dia 3. A notícia logo correu pelo bairro e os que viram o objeto falavam de suas diferentes reações, do medo à curiosidade. Num ponto, entretanto, todos concordavam: pelas características do estranho objeto, luminosidade e velocidade, tudo levava a crer que se tratava de um disco voador.

A primeira pessoa a ver o estranho objeto foi dona Alcina Amaral Ferracini, residente à Av. Carlos Grimaldi, 346, no

Taquaral. Pouco antes da meia-noite de terça-feira ela estava no terraço de sua casa, devido o calor, juntamente com seus filhos quando, de repente, viu no céu um objeto estranho, com forma achatada, muitas luzes e uma ponta em forma de bico. Dona Alcina e sua filha Cássia Aparecida, 13 anos, observaram o aparelho por alguns instantes mas, percebendo que ele estava sobre a casa, esconderam-se com medo.

O mesmo objeto foi visto pelo encanador Luiz Carlos Cavallini, 22 anos, solteiro, residente naquela rua. Ele conta:

—Às 6 horas, quando saía para o trabalho, vi um objeto bastante estranho no céu, tipo de um disco voador. Ele tinha luzes fortes e um bico. Pelo que pude ver ele tinha uma velocidade bastante grande e de repente ele entrou nas nuvens. Luiz Carlos confessou que ficou apavorado, "pois nunca tinha visto uma coisa desta em minha vida. Era um prato todo iluminado com luzes fortes e na ponta tinha um bico. Deu pra ver bem, pois ele não estava muito alto."

Dona Maria Madalena Giroto e sua filha Pedrina do Carmo Giroto, de 14 anos, também residentes na Av. Carlos Grimaldi, 336, disseram que quando o disco apareceu todo mundo ficou apavorado. Atraída pelos gritos de "olha um disco voador", ela saiu para fora de casa e conta o que viu: "pudemos ver bem um objeto estranho, parecia um disco, era luminoso e tinha uma ponta bicuda. Deveria estar correndo bastante, pois de repente desapareceu nas nuvens."

Dizendo que nunca havia visto coisa igual em sua vida, dona Madalena concluiu: "pode ser que ninguém acredite, mas a verdade é que nós vimos e não temos interesse em mentir. Teve

gente da Vila 31 de Março que também viu. Será que não é o disco voador que levou o professor Roiuk?"

Por volta do meio-dia o mesmo objeto foi visto ainda no bairro Taquaral por outras pessoas, dentre as quais dona Ana Maria Degan, residente na Av. Carlos Grimaldi, 326. Naquele horário ela ia saindo de casa para levar o filho ao colégio e percebeu que as vizinhas estavam todas olhando e apontando para o céu.,

—Eu tive a oportunidade de ver também um objeto estranho no céu. Não posso informar se era um disco voador porém o objeto era bastante estranho, luminoso, com velocidade espantosa e de repente ele sumiu no meio das nuvens, disse dona Ana Maria.

Disse ainda que "a gente nunca viu uma coisa desta e fica com bastante medo. E não foi só eu que vi. Minhas vizinhas também viram e estão bastante nervosas."

Por volta das 13 horas, o mesmo objeto estranho foi visto, pela Quarta vez, por moradores da Vila Nova e Jardim Guanabara. O 1.º Distrito Policial, através da escrivã Noêmia recebeu vários telefonemas de moradores da área sobre a presença do objeto tido como disco voador no céu, porém nenhuma providência foi tomada.

Alberto Piva, 23 anos, residente à Rua Camargo Pimentel, 902, no Jardim Guanabara, foi um dos que viram o objeto. Estava almoçando quando sua mãe dona Amélia Piva chamou-o para ver o estranho objeto.

—Vi, bem no alto, parado, um objeto redondo, achatado, luminoso. Eu até cheguei a falar para alguns colegas, na hora:

será que não é um disco voador? A gente fica "cabrero" quando vê uma coisa destas, disse Alberto.

Ainda segundo o jovem, o estranho objeto estava parado em direção à Estrada de Paulínia.

(Jornal Diário do Povo - 04/12/1975)

Hoje você está aqui. Amanhã pode acordar em Rondônia ou mesmo na China. Muitas pessoas têm medo disto acontecer com elas também. Uma viagem assim pode ser fantástica e maravilhosa. Pode ser também um perigo. Esta viagem existe ou não existe? Algumas pessoas acham que sim. Outras que não. Algumas não têm certeza, mas têm medo de serem transportadas para lugares estranhos. Tudo isto é muito misterioso.

Em novembro de 1975, o professor Antônio Roiuk, do Colégio Estadual Hildebrando Siqueira, saiu de casa e foi ao banco descontar um cheque. Quatro dias depois ele foi despertar em Vilhena, Rondônia. O professor não se lembra do que lhe aconteceu nestes dias em que esteve desaparecido. Apenas saiu do banco, entrou no carro, sentiu uma forte dor de cabeça, parou o carro e deitou a cabeça sobre o volante, quanto ao resto, não se lembra de mais nada. É o que afirma.

Esta história diferente acontecida com o professor abriu possibilidade de outras pessoas serem levadas também. Muita gente afirma que gostaria de sentir a experiência. Várias outras simplesmente têm medo.

Um disco voador, outro objeto estranho e que voa, um fenômeno sobrenatural ou até mesmo um fenômeno muito natu-

ral, porém não identificado, são as diversas hipóteses levantadas, com a possibilidade de qualquer um ser deslocado a qualquer instante, podendo estar na rua, no campo ou inclusive dentro de casa.

Ivan Simões Saidenberg, escritor e dirigente de uma Associação de Estudos Paranormais, levantou a hipótese do professor ter feito esta viagem através de um meio chamado teletransporte.

—Isto é possível porque existe uma força que alguns atribuem ao espiritismo ou a outras origens sobrenaturais ou ainda a forças mentais ainda não conhecidas da ciência.

—Eu mesmo já tive esta experiência, só que eu me desloquei e meu corpo ficou no lugar, explicou, contando a seguinte história:

—Em janeiro de 1974 estava acamado sofrendo de pneumonia. De repente fui parar na casa de minha tia em São Paulo (resido em Campinas à Av. Prestes Maia, 836, Jardim do Trevo), onde minha avó estava muito mal. Lá encontrei meu pai, já falecido há 20 anos. Ele veio contar-me que minha avó tinha morrido. A casa estava cheia e senti a movimentação das pessoas por causa da morte. Senti a presença de vários parentes meus e, mais tarde muitos deles vieram confirmar a minha presença naquela casa. Depois subitamente vi que já estava em minha casa. Chamei minha mulher, somente ela estava em casa e possivelmente tão ocupada que não sentiu nada de anormal. Conte-lhe que minha avó havia morrido. Ela não acreditou, pressupondo um possível sonho.

—No dia seguinte levantei e fui à banca comprar um jornal da capital, foi então quando vi a notícia da morte e o enterro estava marcado para aquela mesma hora em que eu estava na banca.

—A viagem deve ter sido muito rápida, porque minha mulher não percebeu nada.

—A partir deste acontecimento comecei a me preocupar com a possibilidade das pessoas serem transportadas para outros locais. Foi assim que surgiu a Associação de Estudos Paranormais.

—Através de estudos notamos que tais viagens são comuns, já aconteceram e acontecem com muita gente. Citou como exemplo, os monges do Tibet que conhecedores da ciência do teletransporte a utilizam sempre que necessário, fazendo percursos de um mosteiro para outro a centenas ou milhares de quilômetros. A explicação é de que eles fazem isso através de guias espirituais que os transformam em energia capaz de viajar com a velocidade da luz. Chegando ao local assumem novamente a forma material.

—Segundo as notícias ventiladas, o professor Roiuk sempre teve muita vontade de conhecer Amazonas. Diante disto não é totalmente inviável a teoria de que esta forma de teletransporte tenha acontecido com ele, embora possam existir muitas outras explicações.

Ivan Saidenberg não acredita na hipótese do disco voador, pois ninguém viu aparelho nenhum e além disso muitas das pessoas que se dizem transportadas por discos voadores sabem contar a viagem, o que não acontece com o professor.

—É possível que Antônio Roiuk após uma viagem por teletransportes, tenha sofrido uma possível confusão mental e não se lembre do que fez nestes dias. Ele pode até ter gasto ou perdido o dinheiro sem se lembrar disso.

—Tal fenômeno pode ser vivido por qualquer outra pessoa possuidora de guias espirituais que permitam o deslocamento. A pessoa pode ter o guia ignorando-o, foi o que aconteceu comigo. Na época eu não entendia nada a respeito.

—A viagem pode ser feita de duas formas: fisicamente ou apenas com o corpo astral ficando o corpo físico no lugar em forma de morte. No caso da viagem física, o corpo se torna invisível, já que assume a forma de energia.

Ivan contou ainda outros casos, um deles acontecido com ele mesmo:

—Uma vez consegui identificar um meu guia espiritual no centro espírita. Ele disse que iria levar-me a conhecer um cafezal onde trabalhou como escravo. Daí, muitos meses depois, eu me senti voando sobre uma grande plantação que identifiquei como sendo uma lavoura de café. Eu voava em linha reta e pouco depois vi uma casa velha, de pedras e taipas, abandonada e sobre a qual pousei. Dali enxerguei umas máquinas velhas e enferrujadas. Daquele alto, senti medo de cair e pensei: "é melhor eu descer antes que me machuque". Nisto, caí. Mas, antes de cair no chão caí em meu corpo. Foi uma viagem muito rápida.

Outro exemplo:

—Um dia, uma colega minha havia se deitado quando lembrou que precisava fazer um telefonema. Ao levantar sentiu o corpo ficando sobre a cama. Percebeu que a perna esquerda

ainda estava ligada ao corpo material. Ela diz que sentiu um medo terrível e quis gritar pela mãe. Todavia, o corpo não fazia barulho. Só depois de muito custo é que conseguiu voltar ao próprio corpo e gritar por alguém. Aí as pessoas vieram e constataram sua baixíssima temperatura.

Na sua opinião como estudioso de assuntos paranormais, a pessoa transportada por meio do teletransporte, corre sempre riscos muito sérios inclusive o perigo de não voltar mais. Muitas vezes uma pessoa pode estar aparentemente morta, quando na verdade seu corpo astral está viajando, enquanto o corpo físico fica sem vida.

É por isso que muitas vezes constata-se que algumas pessoas mudam a posição do corpo no caixão, depois de sepultadas. O corpo astral pode levar mais de 24 horas para voltar e nisso o corpo vai para o cemitério.

—Possivelmente, é acreditando nisso que cientistas norte-americanos guardam no congelador corpos de pessoas que morreram devido a doenças não curáveis. Segundo dizem até o corpo de Walt Disney está no congelador.

—Foi uma tentativa frustrada de volta do corpo astral que surgiram as múmias do Egito. Digo frustradas, porque eles tiraram partes dos corpos humanos, tirando assim as possibilidades de vida.

—A respeito das viagens por teletransportes, existem várias histórias de desaparecimento de pessoas, navios e frotas de aviões em uma parte do mar dos Caraíbas. Somem navios com toda tripulação e frotas de aviões e ninguém nunca conseguiu encontrar o menor vestígio.

1h 40m do dia 12 de março de 1978. O telefone toca na sede da SIFETE - Pesquisa Científica. Do outro lado da linha o Ex-Diretor Técnico da SIFETE faz um comunicado urgente: "Vi um Disco Voador e comigo várias testemunhas".

Imediatamente peguei o bloco de relatórios e saí.

Ezequiel fala do objeto

Ezequiel da Silva, morador da Rua Alcides Nogueira, 153, Jardim Planalto - Campinas, estava testando um holofote no quintal de sua residência, por volta de 1h 20m, quando foi surpreendido pela estranha aparição.

Ficou indeciso quanto ao que observava e chamou seus irmãos, Efraim e Elias, que ainda chegaram a tempo de observar o estranho fenômeno.

A aparição, segundo Ezequiel, deu-se exatamente à 1h 23m. "Era algo completamente diferente do que normalmente já tivemos conhecimento. O corpo era grande, maior que três jatos. Pelo menos era a impressão que se tinha. Seu formato era ovalado, mais para um charuto. Cor alaranjada e uma cauda amarela, quase branca. Depois, a cauda foi esticando e distanciando-se do objeto principal. E duas bolas de luz azuis embaixo foram se afastando com a cauda."

A descrição acima também foi confirmada por Edson Martins da Silva, morador à Rua João Batista Lisboa, 50 e Paulo

Roberto da Silva, morador à Rua José Ferreira de Camargo, 55, Jardim Planalto. Ambos, eufóricos, acompanharam o objeto, enquanto se dirigiam para a casa de Ezequiel.

Outras testemunhas

Enquanto ainda colhia os dados da estupenda aparição, três rapazes, interceptados por nós, Também comentavam sobre o fenômeno. Estavam no Chopão (Lanchonete no bairro do Taquaral) quando ocorreu, e segundo eles, todos que estavam no local puderam presenciar o fato. Mais tarde, fizemos ronda no local e ainda pudemos colher comentários esporádicos.

Os três, José Luís Ferreira, residente à Rua Buarque de Macedo, 312; Avilmar Gozes, mesma rua, n.º 576 e Wilson D'Gennaro, também mesma rua, n.º 1570, prestaram depoimento.

Segundo José Luís, "era semelhante a um cometa, acompanhado de uma estrela e seu trajeto", a que todos concordaram, "foi no sentido norte-leste. O objeto não emitia som e sua velocidade era bastante grande. Sua forma poderia nos lembrar também um charuto, e tudo isso demorou cerca de 1 minuto."

A forma charuto nos lembra a chamada "nave-mãe" e os bólidos que dela foram separados, seriam, na verdade, os chamados "discos voadores", que segundo o departamento de Ufologia da SIFETE, seriam usados para reconhecimento ou mesmo combates bélicos.

Caso confirmado

Ainda com incansável colaboração de Ezequiel da Silva, entramos em contato com o controle da R.P. cujo PM Antonio Carlos Lambisten não mediu esforços para que nossa cobertura fosse total.

Segundo ele, os chamados foram inúmeros, solicitando a ajuda da polícia, tendo inclusive várias pessoas ligado para o controle, apavoradas, comunicando que a estranha aparição seria um avião em chamas.

Soubemos também que a torre de controle do Aeroporto de Viracopos acompanhou todo o trajeto da fenomenal aparição. Tentamos em seguida contato com as cidades vizinhas, de onde "ele" surgiu, mas não conseguimos muito através das centrais telefônicas.

Mais tarde os PMs Rodoviários, Cabo Franco de Oliveira e Nelson Bergamasco, do Posto Rodoviário do Km 99 da Via Anhangüera, confirmaram mais uma vez o ocorrido: "... demorou mais ou menos um minuto e tive tempo, inclusive, de apanhar o binóculo. Era uma bola com um rabo, semelhante a um cometa. Depois saiu outra mais à frente, menor, e no espaço entre as duas, pude observar como se fossem fagulhas. A bola de trás era um branjo avermelhado e a da frente, azul. Depois, a luz do poste interrompeu a visão e quando tentei localizá-la novamente, ela já não estava mais lá."

Outras observações ainda, era de que a cauda atrás se assemelhava ao fogo de um maçarico.

Conclusão

É importante notar no caso, que na madrugada de sábado, foi constatada a queda de um objeto não identificado na Serra da Cantareira, em São Paulo, como noticiou o jornal Diário Popular. Pelo que soubemos, a área foi totalmente isolada e nem os repórteres puderam penetrar. Duas equipes do COE (Comando de Operações Especiais) foram mobilizadas e até a rota da aviação comercial foi mudada para que a região não fosse sobrevoada por pessoas não autorizadas. O último informe que recebemos foi o de que nada fora encontrado. Contudo, sabe-se que houve grande explosão e emissão de luz prateada de grande intensidade.

Depois, na madrugada de Domingo, foi avistado no Rio de Janeiro, idêntico objeto ao que foi visto em Campinas.

Que "eles" existem é fato. Que "eles" estão aí, não há dúvida. Quem ou o quê são "eles"? Bem..., aí então, temos que voltar às pesquisas, e para isso, necessitamos da colaboração das autoridades, que devem preparar o povo para "receber" aquilo que já está entre nós.

(Relatório N.º 6/1979 - SIFETE)

Depois de dois dias com policiais vasculhando as matas da Serra da Cantareira, o COE (Comando de Operações Especiais da Polícia Militar) resolveu suspender a busca de um objeto estranho que, segundo os moradores da redondeza, havia caído do céu, provocando um forte barulho de explosão.

Segundo os policiais do COE, a busca seria prosseguida pela FAB, "que está mais ligada a esses assuntos". Mas eles afirmaram que praticamente não havia interesse em continuar qualquer tipo de busca, já que o objeto não tinha sido captado pelos radares.

Quanto às afirmações dos moradores da região de Tremembé, São Miguel e Cantareira, os policiais comentaram que havia grande dose de imaginação em todas as descrições. A hipótese de se tratar de um cometa ou de um meteorito não era afastada pelos policiais.

— As pessoas - contou um dos PMs - podem ter visto algo desse gênero passando por perto dos morros da Cantareira e ter achado que o "objeto" pousou naquele local.

Antenor Nogueira, funcionário da Prefeitura que morava próximo ao reservatório da Sabesp, disse que ficou muito assustado, na Quinta-feira anterior, quando ouviu um forte barulho de explosão, vindo de um dos morros vizinhos à sua casa:

— No início pensei que um avião tivesse batido numa dessas torres de alta tensão, porque há alguns dias as luzes de sinalização não estavam funcionando. Mas depois pensei que não poderia ser isso, porque senão eu teria escutado o ronco do motor.

Dois dias depois, ainda assustado, ele disse porém, que nada ocorreu depois da explosão.

Na madrugada do dia 11, entretanto, mais de 40 pessoas telefonaram para a torre de controle do Aeroporto de Congonhas, comunicando sobre o aparecimento de objetos voadores, com as mais variadas descrições.

Os objetos também foram avistados por comandantes de aviões da VARIG e da Pan American, que comunicaram o fato às autoridades aeronáuticas.

De acordo com o então presidente da Associação Brasileira de Pesquisas Exológicas, Max Berezowsky, a descrição dos objetos avistados no Rio de Janeiro, coincidia com as feitas em São Paulo. Segundo o professor, "estamos atravessando uma fase de muita procura por parte das civilizações procedentes de outras galáxias.". Mas ele não soube explicar o motivo disso.

No Rio de Janeiro, a aparição de objetos estranhos no céu durante aquele fim de semana foi um assunto muito comentado ainda no dia 13. As redações dos jornais cariocas foram procuradas por muitas pessoas, algumas das quais diziam ter fotografado os objetos. Revelados os filmes, porém, verificou-se que nenhuma chapa era aproveitável: estavam todas sem imagens.

No observatório de Valongo, o professor Luís Eduardo Silva Machado, disse que vários funcionários do observatório contaram o que viram e que, pelo relato, podia-se concluir que eram meteoritos, que quando passam a grande altitude, deixam um enorme rastro. Machado disse que os meteoritos, conhecidos pelo povo por "estrelas cadentes", são do tamanho de um grão de arroz e passam a uma altura média de 20 Quilômetros, à velocidade de 40 quilômetros por minuto. Quando acontece de passar um mais pesado, com um quilo, por exemplo, o atrito com a atmosfera provoca um clarão que muitos confundem com discos voadores. Esse clarão pode ser dividido, o que leva alguns a julgar que se trata de vários objetos.

No Observatório Nacional, porém, o diretor, prof. Rogério Mourão, apresentou uma versão diferente: ele disse que não eram meteoritos, mas sim satélites desativados que entram na órbita da Terra.

(Jornal da Tarde - 14/03/1978)

Era mais ou menos uma hora da manhã do domingo de 12 de março de 1978, quando milhares de pessoas no Rio, São Paulo, Minas, Brasília e até no extremo norte, Manaus, presenciaram um fenômeno aéreo - não identificado - que, obviamente, no dia seguinte, ganhou destaque nas manchetes dos jornais como discos voadores. O dado mais importante, contudo, inegavelmente, fica por conta da coincidência: em todos os estados, onde eles misteriosamente apareceram, o fizeram à mesma hora e com formatos absolutamente semelhantes. Os testemunhos se repetiam em milhares de depoimentos: aparecimento repentino com duração de mais ou menos quinze segundos, deslocamentos em formação de esquadrilhas, luz intensa (e indefinida, na maioria dos casos) sendo que um deles se destacava dos demais, dando nítida impressão de ser uma nave-mãe.

Se no Rio, o chefe dos astrônomos do Observatório Nacional, o cientista Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, preferiu ser excessivamente cauteloso em sua análise do fenômeno garantindo que brevemente teria pronunciamento oficial sobre seu relatório por parte das autoridades do Smithsonian Institute, dos Estados Unidos, em Brasília e em São Paulo as autoridades da Aeronáutica, de forma preconceituosa não se preocuparam em

desmentir os comunicados divulgados pela imprensa. De certa forma, pela primeira vez, publicamente, davam uma espécie de aval aos incontáveis depoimentos que se avolumam em seus arquivos, muitos ainda confidenciais. É claro, nessa hora também não faltaram os enviados extraterrestres e contatos interplanetários que, em geral, nessas horas, ocupam seus espaços nos jornais de maior abrangência. Da mesma forma, aliás, como quatro semanas antes, as agências noticiosas internacionais (UPI-AP-France Press) deram destaque ao fato de o presidente Jimmy Carter, dos Estados Unidos, ter dedicado seu fim de semana ao conhecimento completo dos estudos oficiais norte-americanos sobre os Objetos Voadores Não Identificados pesquisas coordenadas pela NASA e CIA e que incluem relatórios minuciosos sobre as diversas posições oficiais de Governos (notadamente URSS, França, China, Bélgica e Inglaterra) quanto à controversa questão dos discos voadores. Em suas entrevistas à imprensa o Presidente dos Estados Unidos jamais negou terem sido ele e sua mulher Roselyn, testemunhas de uma dessas misteriosas aparições que durante longos minutos se pôs a sobrevoar os céus de seu estado, Georgia. Desde então, segundo seus assessores mais íntimos, prometeu a si mesmo que abordaria o tema em nível oficial durante sua carreira política.

Também no Brasil a questão já mereceu enfoque menos especulativo. Isso ocorreu quando da vinda ao país do dentista norte-americano Joseph Allen Hynek, astrofísico, que se encarregou de estudar, na NASA, o problema OVNI. Não somente o próprio Ministério da Aeronáutica como o Serviço Nacional de Informação (SNI) souberam se posicionar ante o tema. E isso, tal

como alguns anos antes, havia ocorrido em troca de correspondência que levava o carimbo Confidencial, da Marinha de Guerra do Brasil comunicando ao Governo dos Estados Unidos investigações oficiais e fotos de um Objeto Voador Não Identificado, que sobrevoara um de seus navios de guerra. O fato mantido no mais absoluto sigilo, embora a imprensa tenha tido acesso às fotos por ordens expressas do então Presidente Juscelino Kubitschek, só ficou conhecido, em detalhes, no Brasil, depois que foi oficialmente divulgado por revistas especializadas dos Estados Unidos e da Argentina.

A partir de então ficou evidenciado o comportamento oficial do Governo Brasileiro diante de um fenômeno que começava a transpor a inicial barreira do ridículo, não obstante os tantos anos de idôneos depoimentos.

Em Brasília onde, não obstante a insistente evidência de manutenção de sigilo por parte das autoridades militares impedem pesquisas mais abertas, sobretudo aqueles que fazem o mundo científico o que se sabe hoje em dia é que o tema Discos Voadores já não é tão proibido como antes. Especialmente graças à insistente atuação do General Moacyr Uchoa que, com sua credencial de ex-Diretor de Ensino da Academia de Agulhas Negras e depois Diretor Presidente de uma das mais importantes universidades da capital federal, os pesquisadores brasileiros e estrangeiros que se deslocavam para o Brasil - área de grande fluxo de OVNI's - podiam então ter acesso às investigações oficiais, que em nível internacional colocavam o país entre um dos mais importantes para o estudo do fenômeno.

(Revista O CRUZEIRO - 25/03/1978)

O caso seguinte foi pesquisado por Mário M. C. Friedlander da SIFETE - Pesquisa Científica, com a colaboração de Júlio C. F. Lobo e Solange de Oliveira Castro.

O objetivo da pesquisa era colher depoimentos sobre o seqüestro de um motorista de táxi em Campinas - SP.

O local pesquisado: Rua Roberto Simonsen, 481, bairro Taquaral, Campinas - SP.

Tomamos conhecimento do caso através do jornal "Diário do Povo" que noticiava o caso com grande destaque. Como foi mencionado que o "seqüestrado", apresentou logo após o episódio uma mancha azul na perna, nos interessamos de imediato, pois isso poderia representar uma prova física.

Fomos até o ponto de táxi do bairro Bela Vista, onde ele trabalhava, e lá constatamos que outro motorista também havia visto o OVNI na mesma noite, no mesmo local e aproximadamente à mesma hora. Na seqüência, dirigimo-nos à casa da testemunha principal e fizemos um interrogatório, não muito rigoroso, pelo estado em que ambos se apresentavam; muito nervosos e por que não dizer, apavorados.

1.^a Testemunha: Wilson Bueno de Moraes, 44 anos, solteiro.

Residência: Rua Roberto Simonsen, 481, Taquaral, Campinas - SP.

Profissão: Motorista de Táxi.

O Sr. Wilson tinha combinado com a Segunda testemunha, para que esta fosse buscá-lo pouco mais adiante da lancho-

nete "Caneco", pois queria andar um pouco, fazer exercícios, já que dirigia a maior parte do dia.

Durante a caminhada, na esquina da Rua Diogo Álvares com a Rua Bento de Arruda Camargo, no Parque São Quirino, viu uma luz, que parecia um avião, descer rapidamente em cima dele. Segundo de não fazia barulho algum. Fora do objeto, a uns dois metros dele, viu dois seres com menos de 1 metro de altura, com macacão, capacete ou máscara, que falavam entre si. O que eles falavam ele não soube sequer imitar. Disse que parecia o som de um rádio de polícia. A luz sobre ele era azulada e bem forte. A noite estava calma e apesar de ser mês de agosto não havia vento algum. Não se recorda se havia lua ou estrelas no céu, mas lembra-se que era entre 23h 30m e 24h. do dia 04 de agosto de 1979. Daí em diante, disse que deve ter desmaiado, pois só se lembra de estar sua casa, meia hora depois, ou seja, 0h 30m do dia 5. Só mais tarde, veio perceber que tinha na coxa direita e parte das nádegas, uma mancha azul-arroxeadada de grande dimensão.

Após esse episódio, o Sr. Wilson, que apesar de magro, se alimentava muito bem, perdeu totalmente o apetite e no lugar passou a sentir uma sede muito grande suando exageradamente durante a noite e com perturbações e sonhos relacionados com sua experiência. Muito nervoso, tinha medo que eles voltassem para pegá-lo novamente. A mancha da perna, segundo ele, não doía. Mesmo assim, alertamos o Sr. Wilson dos perigo que poderia estar correndo. Apesar de nossa insistência, ele recusou-se a visitar qualquer médico para um diagnóstico.

Quando perguntado se já se interessara pelo assunto relacionado a OVNI's, respondeu que sim. Contou inclusive que ele e o pai já haviam visto um, na estrada de Moji Mirim, alguns anos antes. Frisou ainda que adorava assistir filmes de ficção e seriados como "Jornadas nas Estrelas" e "Os Invasores".

Pedimos que desenhasse os seres ou representasse a luz, mas ele se negou dizendo que não conseguiria.

2.^a Testemunha: José Carlos Bernardo, 24 anos, solteiro.

Residência: Rua Círculo Italiani Unithé, 290, bairro Jardim Conceição, Campinas - SP.

Profissão: Motorista de Táxi (fez curso de análise química em Marília).

O Sr. José estava indo encontrar o Sr. Wilson, quando por volta das 0h 10m da mesma noite e no mesmo local, ele viu o que descreveu como um "flash, um curto-circuito, um tipo de transformador estourando". A luz tinha aproximadamente 10 metros de diâmetro e era de cor prata muito forte. Ele fez a observação através do parabrisa do táxi, um Corcel (vermelho - placa: RY 0211).

Depois de parar o carro bruscamente, pois ficou cego durante uns dois minutos ("... sumiu o pensamento, sumiu a vista, sumiu tudo..."; "... a luz ultrapassou o pensamento..."), foi a procura do Sr. Wilson, mas como não o encontrou foi até a casa de-

le. Como era tarde não bateu. Só contou seu caso no dia seguinte quando então soube do caso do amigo.

Observação: a luz ficou em cima do Corcel. Com autorização da testemunha, tiramos uma pequena camada de tinta do capô do carro para verificações de energia acumulada, mas não houve nenhum resultado positivo.

Durante a observação e após ela, o carro não apresentou nenhuma anormalidade. No entanto, no dia seguinte, o alternador não funcionou mais tendo que ser substituído.

(Relatório N.º 8/1979 - SIFETE)

Não foi somente o motorista Wilson Bueno de Moraes que viu o Disco Voador que chegou a pousar no bairro do Taquaral, na noite de 4 de agosto de 1979. Segundo conseguiu apurar o repórter policial do Diário do Povo, duas crianças, por sinal primos, que estavam brincando, defronte suas casas, três das quais, ou seja, a 1.º de agosto, também avistaram aquele aparelho, correndo, assustadas, para dentro e, até hoje, não mais indo à porta, no período noturno.

O garotinho Denis da Silveira, de 8 anos de idade, que morava na ocasião, na Rua Henrique Schoroeder, 133, no Taquaral, disse que se encontrava brincando de jogar bola, com sua prima Kátia Vecenâncio, 11 anos, moradora na mesma rua, n.º 123, quando ao atirar a bola para cima, viu um objeto luminoso, no formato de um prato, chamando a atenção de sua prima, que também olhou para o céu, vendo, ambos, que o objeto ameaçava

descer. Ficaram tão desorientados, segundo o garoto, que chegaram a entrar em casa errada, na ânsia de fugir ao disco.

Tentando explicar ao repórter como o fato ocorrera, Denis, mostrando-se, ainda, bastante assustado, disse:

"Eu e a Kátia estávamos brincando. De repente, olhei para cima e vi aquele objeto em cima de minha cabeça. Pensei que era um avião. Depois vi que era um objeto estranho e chamei a atenção de minha prima. Aí, ele fez um "S" no ar e desapareceu. Saí correndo e entrei na casa de Kátia enquanto ela entrava na minha. Mandeí que fechassem as portas e janelas, pois eu tinha visto um disco voador. Ninguém queria acreditar, mas quando viram que eu estava verde de medo, acreditaram".

Mostrando-se também com medo e nervosa, a garotinha Kátia confirmou a visão do primo. Disse ela que:

"Nós estávamos brincando, quando o Denis mandou que eu olhasse para o céu, para um objeto estranho. Vi, então, uma coisa de forma redonda, listrado de azul, que parecia querer descer, mas, depois desapareceu. Corremos então, cada um para um lado e entramos em casas trocadas. Daí, contei tudo o que tinha acontecido. E não é mentira, não. Nós vimos mesmo um disco voador bem em cima de nossas cabeças".

Segundo disse a senhora Dolores da Silveira, mãe do pequeno Denis, ele não dorme mais sozinho, tão apavorado que se encontra.

Disse ela que "quando vi o meu filho, em casa de minha irmã, que mora pegado, falando que tinha visto o disco voador, apesar dele estar branco como cera, eu não estava acreditando. Mas, depois minha sobrinha Kátia também contou a mesma coi-

sa e eu passei a ver alguma verdade, principalmente quando de madrugada, Denis começou a gritar, chamando por mim e dizendo que tinha alguma coisa fungando junto à janela de seu quarto. Fui obrigada a levar sua cama para meu quarto, porque ele não conseguia mais dormir sozinho e, até para tomar banho, era preciso que alguém o acompanhasse. Tanto ele como Kátia, não queriam nem saber de ir mais brincar na rua, como o faziam antes. Ora, tudo isso leva a crer que as crianças não estavam mentindo e que viram alguma coisa estranha".

Enquanto isso, o motorista Wilson Bueno de Moraes, que viu o disco voador na noite de 4 de agosto de 1979, está mesmo decidido a não ir a qualquer médico. Diz ele que a mancha azul ainda continua, mas nem dói e nem incomoda, por isso não vê motivo para exames.

Jornal Diário do Povo - 18/08/1979

Tão logo soubemos que Eliezer Sanches Correa havia visto e fotografado um suposto OVNI (Objeto Voador Não Identificado), nos apressamos em tomar o seu depoimento e conseguir a referida fotografia para análise.

Equipe responsável: Alexandre Mendes da Rocha, Marcos Carline Bueno, Omar Carline Bueno

Eliezer tinha na época, 1978, 18 anos de idade, era Técnico em Mecânica e trabalhava na IBM Brasil, na cidade de Hortolândia - SP.

— Eu sou um cara muito ligado na cidade de Sumaré e eu me interessei em tirar uma foto da cidade. Então, minha irmã tinha acabado, ou melhor, eu tinha acabado de tirar uma foto do meu cunhado, porque ele fez uma construção. Então nós chega-

mos no quintal de casa e tiramos. Aí eu falei. Bom! Eu vou subir em cima da casa. Troquei o filme, a última chapa eu bati da construção, minha irmã tinha acabado de me dar o filme naquela hora.

— Olha! Sério! Foi um negócio muito estranho, porque desde aquele dia eu estou ainda um pouco passado. Não faz muito tempo. Chegou o filme ontem de Manaus onde eu mandei revelar. Então eu subi em cima de casa, ela até segurou a escada pra mim, e lá fiquei olhando a cidade toda pra ver onde ia bater. Estava com o binóculo no pescoço porque ia fazer um teste. Eu ia colocar a binóculo na frente da máquina e ia ver no que ia dar, certo?

— Então, estava pronto pra bater, quando escutei um barulho assim, como uma descarga de vapor. Eu não me preocupei, certo? Fez muito longe; eu percebi que estava muito longe, percebi lá em cima assim, mas não vi o que era. Então, lógico que todo mundo tem um "rabo de olho", né? É assim que se fala; a gente está olhando aqui mas está vendo lá. Então eu vi aquilo mas achei que era um avião e continuei olhando a cidade, certo? E fez de novo o barulho e parou. Aí eu notei que ele estava indo como uma propulsão só e parou. Olhei lá porque eu fiquei preocupado com aquilo e fiquei meio assustado. Bati primeiro, certo? Pensei em correr atrás dele e quase caí do telhado. Tinha uns amigos passando pela rua, uns velhos. "Seu Rogério, olha lá!" Ele olhou pra mim e... "Olha lá, pô!" Quase estava pulando do telhado pra correr atrás do "bitelo". Ele tentou olhar mas não deu tempo. Ele sumiu no horizonte, foi embora "beleza". Foi em fra-

ção de segundos. De uma chapa pra outra eu levei menos de segundos pra bater.

Depoimento

Segundo depoimento prestado colhemos mais algumas informações. A data exata, não tinha lembrança, mas sabia que foi entre julho e agosto, por volta de 17h 30m.

Pedi pra que falasse do tempo e do céu.

— O tempo estava "beleza". Tinha algumas nuvens mas não estava ventando. Eu calculei que poderia ser um jornal que tivesse voando. Eu estava vendo uma coisa, estava ouvindo uma coisa. Tudo que estava passando eu estava vendo, por isso não podia ser o jornal porque não tinha vento.

Quer dizer que isso aconteceu em Sumaré? perguntei.

— É, foi em Sumaré.

E o objeto? Tinha alguma coloração? Alguma luz?

— Não me lembro porque, francamente, foi num estalo; por isso eu não contei pra ninguém e esperei a foto vir pra não ser debochado, porque "vai que a foto fica tudo queimada, borrada e tremida". Depois que chegou, aí eu confirmei e, infelizmente, ficou muito longe. Era uma máquina ruim mesmo.

E que máquina era?

— Era uma Kodak Instamatic; é aquela que vende barato por aí. Aquela que você compra e ainda vem um filme de graça.

Pré-análise

O filme nos foi cedido e pudemos então observar a nitidez da foto e as formas do objeto em questão. Depois, analisamos e estudamos com tranqüilidade e meios adequados, o negativo fornecido pela testemunha.

Conclusão

Do que pudemos tirar da narrativa, a testemunha realmente falou sem hesitação ou mesmo contradições. Alguns dias depois, visitamos novamente a testemunha, então em sua residência (a primeira vez foi no seu local de trabalho), e pudemos ouvir novamente a história com os mesmos detalhes e sem qualquer omissão.

Pela análise efetuada no negativo, pudemos concluir que se trata de foto autêntica, sem qualquer truque fotográfico, mancha ou defeito do filme ou na revelação.

Realmente o objeto aéreo estava lá.

Assim, a nossa conclusão é que de fato, um Objeto Voador Não Identificado foi visto e fotografado pela testemunha Eliezer Sanches Correa.

Observação

Notamos que há diferença no horário da aparição entre o depoimento e a análise fotográfica, como mostramos a seguir:

Análise do negativo fotográfico

Examinando o negativo que me foi enviado para análise, verifica-se o seguinte:

- a) Negativo obtido por máquina com objetiva de um só elemento (do tipo instamatic), não havendo portanto definição acentuada em seus contrastes e nos contornos dos objetos ali fotografados.
- b) Com a ajuda de um ampliador com condensador de 2 elementos, plano/convexo, objetiva de corte de 135mm de 5 elementos, a uma elevação de 85cm, obtivemos um quadro com 16,5cm X 15,5cm. Notamos:

- 1- Filme marca Kodak, bitola 126, chapa n.º 1.
- 2- Filme ligeiramente arranhado, pouca densidade nos primeiros planos, melhorando na linha do horizonte e no céu que se apresenta com nuvens, luz solar nascente de aproximadamente 11 horas, com uma inclinação de 60°, na posição de trás da máquina fotográfica, iluminação em todos os objetos constantes da foto, oriunda do mesmo ponto, inclusive e especialmente observado no objeto que se encontra em elevação no ar.

No primeiro plano consta o telhado de uma possível residência, aparecendo o poste de entrada de força, um mastro de antena de televisão, com seus respectivos fios e pouco mais distanciados outra antena de televisão; em um plano secundá-

rio, observa-se uma grande construção, casas esparsas e campo.

Na parte superior, um objeto que parece pairar no ar, apresentando a sua parte inferior plana, seguida de um bojo superior convexo, refletindo a luz solar.

Conclusão

Diante do material apresentado (negativo de imagem direta, com cópia de tamanho 25,5cm X 20,0cm e outra 10,0cm X 10,0cm), não foi possível notar sinais que evidenciassem montagem ou superposição de imagens, ou mesmo truque fotográfico, não só pelo tamanho ínfimo do objeto ora analisado, o que seria dificultoso para quem tentasse.

Analisado por: Instituto Brasileiro de Identificação
Responsável pela análise: Nedyr Mendes da Rocha

(Relatório N.º 11/1980) - SIFETE

Todos os dados que compões essa obra constam dos arquivos da SIFETE - Pesquisa Científica.

